

**INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO – IDH
FACULDADE MERIDIONAL – IMED**

NELI TEREZINHA COSTA

**REFLEXÕES ATRAVÉS DO PSICODRAMA CLÍNICO SOBRE A ADOLESCÊNCIA
E ALGUNS CONFLITOS PSÍQUICOS**

PORTO ALEGRE

2015

NELI TEREZINHA COSTA

**REFLEXÕES ATRAVÉS DO PSICODRAMA CLÍNICO SOBRE A ADOLESCÊNCIA
E ALGUNS CONFLITOS PSÍQUICOS**

Trabalho de Conclusão apresentado ao curso de Pós-graduação lato sensu - Especialização e Formação em Sociopsicodrama do Instituto de Desenvolvimento Humano – IDH, em parceria com a Faculdade Meridional – IMED, como requisito parcial para obtenção do título de Psicodramatista, sob orientação da professora Dr^a. Júlia M. C. Motta.

Porto Alegre

2015

Tudo ou Nada

*Me lembro do começo
Tudo era tão simples
Não me sentia tão cansado
A dor era momento
Tristeza era só fase
Agora já não é tão fácil
Mesmo que o sol me abandone
Mesmo que não amanheça
Eu não
Eu não esqueço o quanto andei
Eu não me perco em uma noite de escuridão
O bem sempre vence o jogo
Quando caí me levantei
Eu não cheguei assim tão longe pra desistir
Agora é tudo ou nada
E nada vai me mudar
Se tudo tem um preço
Eu já paguei bem caro
Por pouco não fui derrotado
Enfrentei os meus medos
Com a força e a coragem
A inveja nunca me deixou mais fraco
Mesmo que a dor me acompanhe
Mesmo que o dia escureça
Eu não
Eu não esqueço o quanto andei
Eu não me perco em uma noite de escuridão
O bem sempre vence o jogo
Quando caí, me levantei
Eu não cheguei assim tão longe pra desistir
Agora é tudo ou nada
E nada vai me mudar
Por mais que a vida insista (me mudar)
Eu não desisto agora (alcançar)
E só questão de tempo (vou lutar)
Ainda restam forças
Mesmo que o sol me abandone
Eu, eu não
Eu não esqueço o quanto andei
Eu não cheguei assim tão longe pra desistir
Agora é tudo ou nada
E nada vai me mudar*

Delittus

RESUMO

Este trabalho tem o intuito de compreender alguns dos conflitos psíquicos que os adolescentes enfrentam, nessa fase de muitas mudanças físicas e emocionais. Tem no método do Psicodrama e suas várias metodologias a busca da verdade através da ação, permitindo ao sujeito representar, no aqui e agora, situações do passado, presente ou futuro, acontecimentos reais ou imaginados, de forma verbal ou da ação. Esta monografia partiu da prática clínica e de questões levantadas pela autora para elaboração teórica baseada em três pontos: ECA, Internet e conceitos do Psicodrama. Tem como objetivo principal reconhecer possibilidades interventivas na construção da identidade dos adolescentes, visando um processo de transformação dos seus conflitos, entrelaçando teoria e prática clínica do Psicodrama, numa compreensão do ser humano em potencial capaz de se desenvolver e de promover mudanças.

Palavras-chave: Psicodrama. Adolescência. Identidade. ECA. Internet.

ABSTRACT

This work aims to understand some of the psychological conflicts that teens face, this many physical and emotional changes process. Has the method of psychodrama and their various methodologies the search for truth through action, enabling the subject to represent the here and now, situations of the past, present or future, real or imagined events, verbally or action. This monograph left of clinical practice and issues raised by the author for theoretical elaboration based on three points: Child and Youth Statute, Internet, and concepts of Psychodrama. Aims to recognize interventional possibilities in the construction of identity of adolescents, targeting a process of transforming their conflicts. Interweaving theory and clinical practice of psychodrama, an understanding of potential human being able to develop and promote change.

Keywords: Psychodrama. Adolescence. Identity. Child and Youth Statute. Internet.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 ORIGEM DO TRABALHO.....	7
1.2 OBJETIVOS.....	7
1.2.1 Objetivo Geral.....	7
1.2.2 Objetivos Específicos	7
1.3 JUSTIFICATIVA	8
1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1 PSICODRAMA.....	10
2.2 TEORIA DOS PAPÉIS.....	16
2.3 TÉCNICAS PSICODRAMÁTICAS	23
2.4 MATRIZ DE IDENTIDADE.....	24
2.5 PSICODRAMA BIPESSOAL.....	28
3 ADOLESCÊNCIA	33
3.1 O QUE MUDOU NAS FAMÍLIAS A PARTIR DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA).....	37
3.2 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE/CARÁTER	42
3.3 ADOLESCÊNCIA E “ERA” VIRTUAL.....	46
3.4 ADOLESCÊNCIA E O PSICODRAMA.....	50
REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	54

1 INTRODUÇÃO

1.1 ORIGEM DO TRABALHO

A curiosidade sempre me instigou ao aprendizado, suscitando-me buscar mais e mais. Quando iniciei o curso de Psicologia tinha muitas perguntas. Encontrei algumas respostas, mas junto com elas vinham mais perguntas. Sinto-me feliz pela escolha que fiz por esta Especialização. No meu trabalho como psicóloga, a cada término do dia é uma sensação de bem-estar, apesar das dificuldades que são próprias do ofício e do cansaço mental.

Às vezes fico pensando: será que por ter sido a cuidadora de outrora me fez buscar esta profissão? Desde muito cedo tive que aprender a cuidar de meus irmãos, mas não era só porque minha mãe me exigia, talvez eu trouxesse algo intrínseco, que se desenvolvia a cada dia.

Hoje, ao escrever esta monografia para me tornar psicodramatista, busco refletir sobre a adolescência e alguns dos conflitos psíquicos, tendo em vista uma grande demanda por atendimento psicológico de adolescentes, com diferentes idades. Nesse momento, visando um entrelaçamento da teoria e metodologia de Moreno, penso nas possibilidades interventivas da psicologia clínica no atendimento bipessoal, proporcionando uma reflexão acerca de alguns dos conflitos do adolecer.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Compreender alguns dos conflitos psíquicos que os adolescentes enfrentam. Através do método psicodramático bipessoal, elencar possibilidades interventivas na construção da identidade dos adolescentes, visando um processo de transformação dos seus conflitos. Entrelaçar teoria e prática clínica do Psicodrama, numa compreensão de ser humano em potencial capaz de se desenvolver e de promover mudanças.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Buscar o entrelaçamento da teoria psicodramática com a prática clínica.

- Corroborar a aplicabilidade do método psicodramático bipessoal no atendimento clínico de adolescentes.
- Refletir, a partir da minha experiência, e fazer conjeturas a partir da teoria psicodramática de alguns dos conflitos emocionais do adolescer.
- Pensar sobre a adolescência atual e a era tecnológica, internet e o ECA.

1.3 JUSTIFICATIVA

Na minha prática clínica como psicóloga, comumente tenho observado uma demanda maior de clientes adolescentes, com relatos de vazio, medo, ansiedade, tristeza, desejo e/ou com cortes no corpo, irritabilidade, agressividade, entre outras. Desde então, tenho sentido a necessidade de buscar mais entendimento e compreensão sobre estas e outras questões que vêm perpassando entre os adolescentes em diferentes idades na atualidade.

Ao buscar a especialização em Psicodrama, percebi o entendimento que Jacob Levy Moreno teve, ao postular uma teoria baseada numa visão de homem como um todo, com a percepção do ser humano em potencial, capaz de desenvolver suas capacidades intrínsecas, seu “Deus” interior. Para Moreno, o “ser humano só existe em relação”. Como fica nos dias de hoje os adolescentes que mais se relacionam com a tela do celular, computador, vivendo no virtual quase mais que no real? Com quem o “Deus interior” do adolescente de hoje se relaciona? Por que tanta solidão e tristeza numa fase que poderia ser de descobertas e encantamento?

Neste trabalho visou compreender o processo do adolescer hoje e, conseqüentemente, alguns conflitos psíquicos existentes nesta faixa etária. Jacob Levy Moreno postula uma teoria que tem como base alguns pressupostos teóricos da constituição do EU que se dá através das relações com outro. Num entendimento de que os “papéis” são anteriores ao EU. Através da matriz de identidade, teoria dos papéis, em que momento se pode pensar que houve uma “lacuna” na relação com o outro? Serão estes os principais conceitos teóricos referenciais sobre os conflitos psíquicos de adolescentes? O que acontece nesta fase de intenso desenvolvimento?

O Psicodrama se constitui numa metodologia e técnica para terapêutica dos sofrimentos psíquicos e suas relações sociais, onde surgem os papéis pouco desenvolvidos. Moreno entende que o homem é um ser social, necessitando pertencer a um grupo, para atender suas necessidades básicas, precisa do outro para nascer, portanto, necessita de auxílio externo para se apropriar do seu novo mundo. Em minha prática clínica, percebo que o

Psicodrama é um método que contém diversas metodologias de ação, com várias técnicas. São exemplos de metodologias: Sociodrama, teatro espontâneo, jogos, etc. São exemplos de técnicas: duplo, espelho, solilóquio, inversão de papéis, etc. O Psicodrama é, nesse sentido, eficaz no tratamento de diversas situações psicológicas, propiciando saúde, mudanças de atitudes, transformações, percepções mais ampliadas e, conseqüentemente, desenvolvimento das capacidades espontâneas e criativas.

1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

Este trabalho consiste em três capítulos, sendo o primeiro a introdução; o segundo refere-se à fundamentação teórica do Psicodrama, subdivido em Psicodrama e Psicodrama bipessoal; e o terceiro refere-se aos conceitos da adolescência, o que mudou nas famílias a partir do ECA, internet e construção de identidade. Por fim, a conclusão e considerações finais.

Dentro dos conceitos encontrados e corroborando com a aplicabilidade do método e das técnicas psicodramáticas, relaciono e faço reflexões a partir da minha experiência clínica com adolescentes. Algumas das minhas falas citadas ao longo do trabalho terão um formato do “Duplo”, que, para Moreno, significa o terapeuta expressar verbalmente o que o cliente não tem condições de expressar, na função de um ego-auxiliar, em que “assume a comunicação não verbal do paciente e fala a partir das emoções que capta deste”.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 PSICODRAMA

Jacob Levy Moreno, psiquiatra, romeno e judeu, celebrou-se na arte da psicologia contemporânea como o criador do Psicodrama, que ele definiu como “a ciência que explora a verdade por métodos dramáticos”. Estudou suas verdades existenciais através da ação, baseando-se no ser humano biopsicossocial e cósmico.

O método psicodramático é um método de terapia de grupo, de terapia bipessoal e se baseia no conceito de desempenho de papéis. Além disso, baseia-se em cinco instrumentos: o palco, o cliente, o diretor, os egos-auxiliares e o público. Tendo em vista os três contextos, que são o grupal, social e psicodramático, através do grupo é que se estabelece a mediação necessária entre o sujeito e a sociedade. Há uma dinâmica de trocas e reciprocidade. Cada membro do grupo difere dos demais, em interesses e motivações, valores e atitudes, que são projetadas sobre outros membros e sobre o grupo todo. Cada um contribui com forças positivas e negativas, explícitas e ocultas.

Uma sessão de Psicodrama divide-se em quatro partes: aquecimento inespecífico, específico, dramatização e compartilhar.

Aquecimento inespecífico: É por onde o método se inicia, visando estabelecer o vínculo psicodramático e facilitar a emergência do protagonista, sendo um conjunto de procedimentos que visa diminuir os estados de tensão e facilitar a interação grupal. O objetivo é colocar o grupo em atividade, podendo ser verbal ou corporal.

Aquecimento Específico: Ocorre no momento em que aparece o protagonista e articula a primeira etapa da sessão de Psicodrama, correspondendo ao conjunto de procedimentos dedicados à construção do papel, para que ocorra com maior facilidade no seu desempenho (MENEGAZZO, 1995).

Dramatização: O protagonista, já devidamente aquecido, começa a representar as figuras de seu mundo interno, e neste momento torna real seu conflito. Esta fase termina com o esclarecimento, encaminhamento ou a resolução do conflito exposto.

Compartilhar: No final da dramatização, é solicitado aos participantes – protagonista, público, diretor e ego-auxiliar – que cada um expresse aquilo que o tocou e emocionou na dramatização, os sentimentos nele despertados e também sua própria vivência de conflitos semelhantes.

Vejo que o momento do compartilhar também é um grande diferencial do Psicodrama, porque permite ao diretor (terapeuta) compartilhar suas vivências semelhantes, isso o torna “humano igual”, produzindo transformações em ambos.

Em síntese, o Psicodrama pode ser determinado como um método de ação muito profundo, em que o protagonista busca sua verdade acompanhado pelo psicoterapeuta. Segundo Fonseca (2008), o Eu nunca poderá encontrar-se pelo meio de si mesmo, só poderá encontrar-se através do outro, do TU. Para Moreno, uma relação vincular somente poderá ser estabelecida entre EU e o TU: essa é a questão principal da teoria moreniana. Por conseguinte, ambos emitem e recebem incitações, provocando mudanças, ao estabelecer o **Encontro**.

Na minha reflexão de Psicodramatista que busca se apropriar dos conceitos teóricos e técnicos, visando a sua aplicação tanto no grupo quanto no individual (bipessoal), penso que Moreno deu enfoque ao Psicodrama para grupos, mas quando ele menciona a relação vincular entre o EU e o TU, ele está falando de Psicodrama com duas pessoas também (bipessoal), que pode ser o terapeuta e o cliente, sem uso de egos-auxiliares. Então, baseando-se nesta premissa: O que difere a prática Psicodramática? Penso que é a aplicação do método através da ação, que o cliente tem a possibilidade de acessar os sistemas psíquicos mais profundos. Por exemplo, se temos os três cérebros, cada um com suas respectivas funções: o cérebro reptiliano responde aos aspectos sensorio-motor, nossos movimentos e sensações básicas; o neocórtex é uma camada cerebral que responde às nossas questões cognitivas e funções intelectuais; e o sistema límbico responde pelas nossas emoções; sendo assim, na ação dramática, o cliente tem acesso às suas emoções profundas, porque vivencia, sente em três níveis no “como se”, real, simbólico ou de fantasia. Na racionalização, somente pode ter a compreensão do conflito, mas não necessariamente a mudança, a emoção é transformadora. Outra questão que difere é a disposição do terapeuta para o **encontro** com o cliente, com a menor unidade de sentimentos entre duas pessoas, o mínimo de transferência e máximo de Tele.

Para ilustrar o “**Encontro**” trouxe a poesia de Moreno, que expressa lindamente o que ele quis dizer com “**Encontro**”.



Divisa

Mais importante do que a ciência, é o seu resultado,

Uma resposta provoca uma série de perguntas.

Mais importante do que a poesia, é o seu resultado,

Um poema invoca uma centena de atos heroicos.

Mais importante do que o reconhecimento, é o seu resultado,

O resultado é dor e culpa.

Mais importante do que a procriação é a criança.

Mais importante do que a evolução da criação é a evolução do criador.

Em lugar de passos imperativos, o imperador.

Em lugar dos passos criativos, o criador.

Um encontro de dois: olhos nos olhos, face a face.

E quando estiveres perto, arrancarei teus olhos

E os colocarei no lugar dos meus;

E arrancarei os meus olhos

Para colocá-los no lugar dos teus

Então ver-te-ei com os teus olhos

E tu me verás com os meus.

Assim, até a coisa comum serve ao silêncio

*E o nosso encontro permanecerá a meta sem cadeias:
Um lugar indeterminado, num tempo indeterminado
Uma palavra indeterminada para um homem indeterminado.*

Jacob Levy Moreno

Adentrando um pouco mais na obra moreniana, buscarei sucintamente elencar parte da sua teoria que penso ser pertinente em relação às análises que faço sobre o Psicodrama com adolescentes. Como principal e essencial dinâmica da teoria de Moreno a respeito do conceito de espontaneidade e criatividade, precisamos imaginar o homem moreniano como um ser espontâneo, criador e transformador. Um homem bom por natureza. Para Moreno, “tudo que é humano é possível”, palavras de minha grande mestra, Marta Echenique.

Esta forma conceitual de Moreno sobre o ser humano como um “gênio em potencial”. Esta visão de homem é que me aproximou do Psicodrama. Segundo Moreno, o indivíduo é um ser que, a partir do impulso da espontaneidade, poderá desenvolver a centelha divina criadora essencial em si mesmo. Um homem que luta contra as conservas culturais, através da espontaneidade criadora, chegará a assemelhar-se a Deus e vai encontrar sua liberdade, sendo que se o homem não desenvolver essa espontaneidade, ele adocece.

Espontaneidade é uma resposta nova a uma situação nova ou uma nova resposta a uma situação antiga ou circundante. A palavra espontaneidade vem do latim “*sponte*”, que significa “livre de vontade”, sendo ainda uma função inata e cultural, positiva e criadora, construtiva e adaptável, por isso está ligada a todos os aspectos do desenvolvimento, orgânico, mental, psicológico e espiritual do ser humano (MORENO, 1975).

Moreno sugere que a espontaneidade os acontecimentos psíquicos sejam novos e flexíveis,

[...] ainda reconhecendo a possibilidade de mecanismos psíquicos estereotipadas, ele distingue a fluidez repetida do "fator e", o que leva à existência criadora. Por outras palavras, é devido à operação de um fator “e” que pode ter lugar uma mudança na situação e que uma novidade é percebida pelo sujeito. Uma teoria do momento é inseparável de uma teoria da espontaneidade. Numa teoria do comportamento e da motivação humanos, o lugar central deve ser dado à espontaneidade (MORENO, 1974, p. 61).

O homem sem espontaneidade adocece? Então, desenvolver a espontaneidade é sinal de saúde? Sim, pois proporciona uma livre vontade, uma livre capacidade das escolhas, de fazer diferente diante das novas situações ou até mesmo das situações antigas.

Se espontaneidade é livre de vontade, o que acontece com esta adolescente de 15 anos? Ela que esteve em atendimento individual, por estar passando por muitos conflitos. Ela

chega cabisbaixa, olhar triste, ombros curvados. Vem acompanhada da sua mãe, que é quem relata o que está acontecendo com sua filha. Diz que ela é muita insegura para tomar qualquer atitude, tem medo de sair sozinha, sente-se feia, tem dificuldades de aprendizagem e medo de relacionar-se com as pessoas. Apenas se relaciona com rapaz que diz ser seu “namorado” pela internet, mas nunca se encontraram até então, pois ele mora em outro estado, longe. Todo este relato se trata de um sintoma aparente.

Considerando o contexto histórico-social dessa jovem e das observações que fiz durante os atendimentos, percebo que a cliente não teve ou não tem livre vontade de escolhas, pois sua espontaneidade e criatividade estavam adoecidas ou pouco desenvolvidas. Teve situações familiares que apareceram ao longo dos atendimentos, permitindo um novo sentido a sua história. Durante os atendimentos foi permitido trabalhar a espontaneidade, através da ação dramática, resultando em uma maior expressividade criativa, transformando sua visão de “feia” em alguém capaz de se ver bonita, de ter amigos, de melhorar sua aprendizagem escolar, pegar ônibus, viajar e tomar decisões. E o “namoro” virtual teve um fim, seu desejo agora é encontrar alguém real e possível. Percebi nitidamente a importância do desenvolvimento da espontaneidade ativando sua capacidade criadora.

Seguindo a minha reflexão, Moreno refere-se às patologias da espontaneidade como respostas inadequadas às novas ou antigas situações, a transferência como patologia da tele.

O que é Tele para Moreno? É uma menor unidade de sentimento entre duas pessoas. Também coloca como uma capacidade humana de comunicar afetos à distância, manifestando-se através da vincularidade grupal como uma energia de atração, rejeição e indiferença. Existe a tele para pessoas e a tele para objetos (para objetos reais e para objetos imaginários). Conforme a vida afetiva e a complexidade do meio em que o sujeito se desenvolve, o fator tele continua a se modificar. A criança ainda pequena, quando diferencia o EU do não EU, responde aos estímulos externos com atração ou rechaço – isso é tele.

Conforme dicionário de Psicodrama, “o fenômeno tele manifesta-se na vincularidade grupal como energia de atração, rejeição e indiferença permanente atividade de comunicação de co-inconsciente e co-consciente (MENEGAZZO, 1995 p, 207).

Buscando em outros autores pós-morenianos, encontrei que Moreno diferencia transferência e tele: “relação tele é o processo interpessoal geral, e transferência é uma excrescência psicopatológica especial”, sendo para ele o processo de cura o fator tele e o fator espontaneidade. A transferência seria um obstáculo (MORENO, 1975 p, 289).

No caso da adolescente acima citada, o processo terapêutico proporcionou a recuperação e o desenvolvimento da tele, porque diante do processo ela teve possibilidades de

sentir, conhecer a situação real de si e das outras pessoas. A tele é fundamento para todas as relações interpessoais sadias, proporcionando a melhoria da saúde mental e da criatividade, criando condições de desapegar do passado e se disponibilizar para o verdadeiro encontro. A transferência pode ter sido causa dos equívocos e dos sofrimentos nas suas relações interpessoais.

Para complementar, Bustos (2005) acrescenta que o fator tele pode conter duas variáveis: uma fisiológica, normal ou desejável, que assegura a adequada percepção em ambas as direções; e outra, responsável pelas distorções de uma ou ambas as partes – a isso chama transferência.

Se discorrermos no conceito de complementar interno patológico, observaremos que é este o responsável pelas relações de transferências, nas quais o outro é uma figura de seu mundo interno. O outro é essencial nas relações. E como percebo o outro, e como imagino que o outro me percebe? São as distorções enviadas ou sentidas segundo as experiências internalizadas, sejam elas verbais ou não, ou de co-consciente/co-inconsciente, o que segundo meu entendimento é o sentido que cada indivíduo atribui a seu outro internalizado, podendo produzir saúde ou adoecimento.

Continuando a refletir sobre a teoria de Moreno, o estudioso Bustos (2005) diz que Moreno criou também a Teoria do Momento, que é definida como um conjunto vivencial, marcada por aspectos de mudança. O momento moreniano é uma espécie de força de atração, caracterizando-se por um instante transformador das pessoas envolvidas.

Momento para Moreno é o aqui e agora? Entendo que momento não pode ser separado da espontaneidade, o passado e futuro, hoje, não existem. O passado passou, não existe, o futuro ainda não chegou; o que existe de fato é a experiência de vida que cada indivíduo traz consigo, de tempo e lugar de quem sente, conhece e reconhece em si da sua experiência. O futuro está no desejo no sonho, conforme o mundo interno de cada um. A espontaneidade está para poder transformar estas experiências em novas respostas e dar flexibilidade aos desejos, produzindo respostas adequadas.

É necessário, contudo, segundo Moreno, o indivíduo passar por um processo de transformação do ser biológico para ser social, formação da identidade, que ocorre através dos papéis, que ele definiu como

[...] a menor unidade observável de conduta. Ele assegura que os pontos de solidificação concreta do que chamamos ego são os papéis nos quais se manifesta. Os pontos solidificados estruturam o ego em suas trocas com o meio ambiente. Cada papel se relaciona com outros papéis complementares de outras pessoas por intermédio de vínculos. Papel complementar ou contrapapel é qualquer papel

antagônico ou deuteragônico, exemplo, vencedor-vencido, pai-filho... etc. são exemplos de contrapapel (MENEGAZZO, 1995, p.63).

2.2 TEORIA DOS PAPÉIS

Segundo o dicionário de Psicodrama e Sociodrama, a teoria dos papéis “leva este conceito a todas as situações da vida, sendo um processo que começa com o nascimento e continua por toda a existência do indivíduo e sua participação na sociedade” (MENEGAZZO, 1995, p. 141).

Conforme Moreno, os papéis são os embriões e os precursores do EU, porque há neles um esforço para se aliarem, integrando-se em uma unidade existencial. Eles estão presentes desde o nascimento e surgem antes da linguagem, pois as matrizes de ação são anteriores às matrizes verbais. Estes papéis carregam consigo as regras sociais, características e peculiaridades próprias da cultura em que se estruturam. Moreno considera que o homem encontra-se dividido entre os desejos de sua pessoa privada e a dimensão social dos papéis que desempenha no cotidiano. O papel é a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos (MORENO, 1975).

“O desempenho de papéis é anterior ao surgimento do eu. Os papéis não emergem do eu; é o eu quem, todavia, emerge dos papéis” (MORENO, 1975, p. 25).

Moreno, no decorrer de sua obra, definiu papel como uma unidade de experiências substanciais em que uniu aspectos privados, sociais e culturais. O papel é uma cristalização final de todas as situações em uma zona especial de operações pelas quais o indivíduo passou. Ainda o papel pode ser definido como uma pessoa imaginária criada por um autor dramático, esse papel imaginário pode nunca ter existido. Também como uma parte de um caráter assumido por ator, por um personagem ou função na realidade social (MORENO, 1975).

Ao refletir sobre a teoria dos papéis, me ocorre que se os papéis vêm antes do EU e vai evoluindo ao longo da vida, conforme as experiências, pode-se pensar que o indivíduo vai desenvolvendo ou bloqueando seus diferentes papéis? O que acontece com uma adolescente de 12 anos que tem que cuidar do pai usuário de cocaína? E que desde seu nascimento, ele diz: “esta é a minha menina, ela é muito iluminada, meu anjo da guarda”. Como ela entende o seu papel de filha? Que papéis foram atribuídos a ela desde antes do seu nascimento? Neste caso, quando ela vem para o atendimento, é a avó paterna que busca ajuda para a neta, pois segundo ela a neta está em sofrimento. Muito apática, tem sorriso forçado, só quer passar a

tarde dormindo, pois pela manhã vai à escola. Os pais se separaram e as duas filhas ficaram com o pai.

Nos atendimentos, a jovem chega sempre com um “sorriso”, embala o corpo, abaixando a cabeça, parece não reconhecer que algo está errado. Pergunto do que ela gosta o que quer jogar. O jogo de que mais gosta é *live*, um jogo de cartas que dá possibilidade de criar histórias de vida. Em meio às sessões, quando as lágrimas surgem, sorri e disfarça, e não se propõe a falar sobre. E quer apenas brincar. E assim foram muitas sessões. Brinca, joga e quer dançar. Sua preocupação é ter que cuidar do pai, mas não sabe o que fazer. Não tendo uma mãe acolhedora, pois essa também sofre com a situação, a sua única irmã mais velha se volta para si e para o seu trabalho, sobrando ela sozinha com o pai.

No decorrer das sessões, fomos trabalhando o seu papel de filha, que estava em conflito. Seu papel de filha não era possível de exercer naquele momento, porque o pai e a família demandavam cuidados, seu papel de cuidadora e adulta ainda estavam despreparados, sem maturidade para enfrentar. Na ação dramática, os papéis foram desmistificados e assumidos dentro das possibilidades. Permitindo-se ser cuidada, assumindo que precisa de ajuda, que seu papel de adolescente está se construindo. Através dos jogos e da ação dramática pode reconstruir sua história e seu papel de filha.

E como se constituem os papéis?

Para Moreno, são três os papéis fundamentais que adotamos: os psicossomáticos, os sociais e os psicodramáticos. Quanto aos papéis psicossomáticos, Moreno os define como os primeiros desempenhados pelo ser humano e ligados às funções vitais, os papéis de ingeridor, defecador, urinador. Ao exercer os **papéis psicossomáticos**, a pessoa estabelece contato com o mundo por meio do seu corpo. São os psicossomáticos que se encarregam da formatação biológica e sensorial entre o bebê e o mundo, até um EU parcial e fisiológico, responsável pela sede, fome, frio, calor, etc.

Quando a mãe vai dar o alimento a seu filho aquece-se em relação a ele, por conseguinte, executa uma ação de coerência interna. E a criança, ao receber o alimento, aquece-se da mesma forma em coerência interna. O resultado desta interação vai desenvolvendo, gradativamente, perspectiva de papéis nos parceiros da ação. Probabilidade esta que gera bases para toda a interação futura de papéis entre a criança e os egos-auxiliares. A partir da ruptura entre realidade e fantasia surge a diferenciação dos papéis sociais e psicodramáticos, até então misturados.

As três dimensões dos papéis constituem o que Moreno chama de “eus parciais” que na sua integração formam o “eu total”. A cada um desses eus parciais aglutinam-se, através de

um vínculo operacional, com vários outros correspondentes, formando um aglomerado ou “cacho” de papéis. Exemplo: ao eu psicossomático ou fisiológico aglomeram-se vários papéis fisiológicos (comer, dormir, sonhar, etc.). Assim sendo, os papéis não estão isolados e formam conglomerados. Toda vez que um papel é representado, recebe transferência de espontaneidade dos não representados, o denominado efeito cacho.

Os **papéis sociais** se incumbem da representação da cultura em que o indivíduo está inserido, estabelecendo um EU parcial social. Papel de mãe, filho, professor, etc. São papéis sociais. O indivíduo vai inserido no mundo da realidade da cultura, exemplos de condutas, valores, deveres, entre outros. É o mundo instituído da cultura e da conserva cultural.

Os **psicodramáticos** são uma dimensão psicológica do EU que se desenvolve no contexto psicodramático, sendo possível a utilização consciente da espontaneidade e da criatividade. Os psicodramáticos são personificados de coisas imaginadas, tanto reais ou não. (MORENO, 1975).

A contínua influência mútua entre os papéis e sua relação através de vínculos ativos proporciona o surgimento de um EU inteiro. Para completar, segundo Moreno, a tomada de papéis decorre de três fases distintas, segundo o grau de liberdade e espontaneidade:

Role Taking – não permite variação, somente imitação;

Role Playing – é a representação de papéis, com certa liberdade, que permite jogar o papel explorando suas possibilidades;

Role Creating – é a criação dos papéis, o desempenho do papel com alto grau de liberdade, de forma criativa e espontânea.

Para os que não passam pelas três etapas, se estima haver uma atuação de papel e não de sua representação verdadeira. Esta atuação de papel ocorre por falta de espontaneidade criadora, ou porque o indivíduo está em um “campo tenso”, ou seja, experienciando um estado ameaçador, ou ainda, sua espontaneidade está em um estado patológico, alterando suas percepções.

Para ilustrar esses conceitos, apresento um exemplo de uma adolescente de 15 anos que está no momento com sua percepção alterada, onde o papel não tem sua representação verdadeira, gerando ameaça a seu mundo interno.

O desabafo desta adolescente aparece através de textos escritos em um diário, em que relata: “*Minha vida começa, quando minha mãe dá à luz a uma criança, igual a todas as outras. Mas a vida de ninguém é perfeita, minha vida começa a piorar após os nove anos. Eu começo a me sentir diferente, falar diferente, ouvir músicas diferentes e as pessoas começam*”

a me ver de outro jeito”. “[...] Minha vida é o buraco do inferno, mas nem tudo, cheio de sarcasmo [...]”.

*“A morte veio me buscar,
Ela olhou para mim
E soltou uma gargalhada
Que entristeceu minha alma
E me fez rir de prazer”.*

Neste exemplo, a adolescente vive uma situação ameaçadora, não se reconhece, sente-se muito diferente e não consegue se expressar verbalmente, mas escreve. Usa roupas pretas, blusas de mangas longas, tudo muito solto, nada que mostre seu corpo. Faz uso de um boné, que esconde seu rosto, quando não ainda usa um capuz em cima do boné. Não o tira nem para dormir. Seu prazer é brincar com as crianças pequenas e com cachorros. E ainda na tentativa de resgatar seu EU imerso neste mundo ameaçador, busca escrever textos, poesias líricas com teor de dor e sofrimento, seus filmes preferidos são de terror.

Penso que é relevante relatar o desfecho desta história. Essa adolescente ainda está em atendimento em terapia bipessoal, vindo aos poucos desenvolvendo o seu EU inteiro, através do importante vínculo que estabelecemos. Visualizo a tomada de papéis nas três etapas, conforme Moreno afirma. Primeiro, ela começa imitando, tira o boné, faz um corte no cabelo, conforme um modelo de identificação grupal, o qual ela aprecia. Próximo passo, ela retira o cabelo dos olhos e se permite fazer umas pequenas mudanças no visual, suas roupas mudam também, mas ainda é sutil, está apenas explorando com cuidado. E nos últimos tempos, ela mudou totalmente o cabelo, deixando-o mais natural, seu rosto é todo visível. Suas roupas têm um estilo só seu. Está namorando, fazendo curso, estudando, ou seja, está na fase do **Role Creating**, criativa e espontânea.

Pesquisando outro teórico, Bermudez (1966), que buscou ampliar a partir da teoria de Moreno uma teoria neurofisiológica de desenvolvimento, personalidade e psicopatologia, "a teoria do Núcleo do Eu", concebendo a estrutura resultante da afluência dos papéis psicossomáticos de ingeridor, urinador e defecador com as áreas mente, corpo e ambiente.

A acuidade fundamental da estruturação dos papéis psicossomáticos é a progressiva delimitação de áreas. Assim, o papel de ingeridor delimita as áreas corpo-ambiente, o de defecador as de ambiente-mente e o de urinador mente-corpo. Avalia que o papel de ingeridor estrutura-se nos primeiros dias de vida, o de defecador entre o terceiro e oitavo mês e o de urinador entre o oitavo e vigésimo quarto. O "Núcleo do Eu" é a estrutura resultante da

integração das três áreas com os três papéis psicossomáticos a partir da "estrutura genética programada interna" e da "externa" (BERMUDEZ, 1966).

Considero importante e relevante a teoria de Bermudez, no que respeito a modelos psicológicos que se estruturam a partir das funções somáticas não automáticas como comer, urinar, defecar, que ocorrem sempre com alguma participação do sujeito em seu campo consciente, que, por conseguinte, produzirão sensações sinestésicas que são as marcas mnêmicas, que são inatas. Durante o seu desenvolvimento pode apresentar bloqueios provenientes da parte fisiológica, alterações no aparelho de ingestão, defecação e micção, como também das relações da criança com os outros. Cito aqui esta teoria como mais uma possibilidade de olhar para o sujeito, não sendo meu foco neste trabalho.

Como Moreno mesmo disse que sua obra não estava acabada, entre os vários autores destaco também Bustos (1979), que apresenta os conceitos de complementariedade, do papel complementar interno patológico, de dinâmica dos papéis (vínculos) e papel gerador de identidade.

Segundo Bustos, os papéis respondem pela estruturação do ego em suas permutas com o meio ambiente. A instância de interação entre o ego e o mundo exterior está estruturada em forma de papéis. Todo papel se relaciona com complementares de outras pessoas através de vínculos. Algumas vezes pela falta de diferenciação entre o eu e os outros, entre mundo interno e externo, o universo das relações fica povoado de confusões, sem limite entre o eu e não eu. Neste caso não há consciência dos vínculos. O eu e o outro significativo ficariam unidos em complementariedade, onde um é parte do outro, sem possibilidade de vínculo.

Quando ocorre este fenômeno, a fantasia da ausência do vínculo caracteriza a complementariedade, em que cada um dos termos de uma relação se comporta como se fosse parte de um todo, sem solução de continuidade. Passa-se de um estar com o outro à fantasia de ser parte do outro. É o funcionamento unitário, base das relações simbióticas. Todo conflito é incorporado através de um papel, exemplo, o de filho com seu complementar: mãe ou pai.

Procurando reunir teoria e prática, cito este exemplo para designar a fantasia de fazer parte do outro, a incompreensão a comunicação vincular em o si mesmo, embotando a espontaneidade: *“Eu não consigo me ver sem a minha mãe, ela é tudo pra mim, não existe outra possibilidade sem ela, não gosto do meu pai”*.

Cliente adolescente, diante da possibilidade do afastamento temporário materno, essa jovem de 17 anos sente tremores, dores de cabeça, tonturas, paralisias momentâneas parciais dos membros, superiores e inferiores. Disputa com uma sobrinha menor o afeto da mãe, quer

ser o centro das atenções, precisando da mãe para tudo. Liga muitas vezes ao dia para mãe, simplesmente para dizer que a ama e saber onde ela está. Percebo aqui uma relação simbiótica patológica, na sua fantasia não existe vínculo, ela é parte da mãe. Parece não diferenciar o Eu do não EU, será?

A situação de conflito faz com que este papel fique fixado em seu *modus operandi* ao papel complementar primário, denominado complementar interno patológico. Quanto mais forte o conflito, mais incapacitante o resultado e maior número de papéis são afetados. Isso porque todo estímulo externo que desencadeie esta dinâmica originará condutas que correspondem à relação com este complementar interno patológico.

Outra reflexão que faço é o caso de uma adolescente de 15 anos que se corta com navalhas de apontador. O que leva esta jovem a se mutilar? Necessidade de estabelecer suas fronteiras? Delimitar o EU e não EU? Essa jovem é muito exigente consigo mesma, não se permitindo errar, tudo tem que sair da melhor maneira. A menina boazinha que não demonstra tristeza e fala sorrindo das suas dores. Não consegue se posicionar diante de quem a invade e sofre. Relata que ao se mutilar alivia sua dor. À medida que toma consciência do seu EU, restabelece as fronteiras e os seus papéis que tinham sido afetados. Ao se mutilar me parece também uma forma de punir-se por não conseguir estabelecer os limites dela e do outro das suas relações. À medida que vai estabelecendo relações mais télicas, passa a não mais se cortar. *“Sinto muita raiva diante do espelho e começo a me arranhar até sangrar. Pensamentos suicidas. Fico assustada e quero me cortar com uma faca”*. *“Isso tudo porque tenho muita raiva da minha mãe que não se posiciona, e da minha avó que me sufoca com suas perguntas”*.

Outro exemplo é o de um filho hipersensível diante de um pai supercrítico que poderá apresentar condutas afins em suas relações com outras figuras de autoridade. Isso ocorre, porque, para se desprender dos complementares primários, a criança necessita de apoio indispensável para superar a angústia da separação e retomar a espontaneidade. Configurando-se, assim, o papel complementar interno patológico.

Nesta relação pai e filho, um adolescente retrata sua angústia em não conseguir se posicionar diante do pai agressivo e rígido. *“Meu conflito diante da escolha profissional tenho um desejo imenso de ser um profissional liberal, de escolher o que desejo, no entanto, faço uso de maconha para afetar meu pai, quer que eu escolha a mesma profissão dele”*.

Esse exemplo é de um jovem de 18 anos que está muito confuso, inseguro e fazendo uso de maconha nas festas que frequenta. Chora ao se reportar ao pai pelo seu distanciamento, *“nunca foi um pai presente e acessível comigo, só com minha mãe consigo conversar”*. *“Ele*

quer que eu faça administração, mas tenho muita energia para ficar parado calculando, quero fazer educação física". Numa tentativa de libertar-se da rigidez do pai não consegue dizer não à maconha que os amigos lhe oferecem.

Justifico este caso diante das colocações de Bustos que diz que:

Não estabelecendo um vínculo verdadeiro com o pai, afeta assim, bloqueando a capacidade de ter atitudes positivas e adequadas. Expondo-se a parte essencial permanente dos vínculos, provocando respostas ou atitudes de acordo com as experiências primitivas do indivíduo, e não com os estímulos externos e atuais. Assim, diminui a capacidade de reações espontâneas, aumentando a ansiedade (BUSTOS, 1979).

Seguindo o pensamento, Bustos pontua:

Os papéis se agrupam conforme sua dinâmica, configurando *clusters* ou agrupamentos. O primeiro depende do complementar materno, responsável por funções de dependência e incorporação. O segundo do complementar paterno, gerando a matriz dos papéis ativos, autônomos. Sendo complementar único: mãe e pai ou os adultos que desempenham esses papéis. Os dois papéis primários são assimétricos por natureza. A simetria aparece mais tarde, quando a semelhança se apresenta na forma de irmãos, amigos ou companheiros de brincadeira, gerando competitividade e rivalidade (BUSTOS, 1979, p. 76).

Ainda Bustos ressalta a importância destas três dinâmicas desde que não se esqueça de que estes formatos relacionais estão circunscritos a um processo histórico e a uma estrutura social, política e econômica, de que são manifestações necessárias daquilo que está consolidado e estabelecido.

Continuando minha pesquisa sobre papéis, encontrei em Fonseca (1980) um projeto de desenvolvimento humano que expõe uma visão da loucura e saúde, esquematizando uma teoria da personalidade baseada nas fases da matriz de identidade. Seguindo o postulado moreniano de que o Eu se configura a partir do desenvolvimento de papéis, diz que o indivíduo tem a capacidade de assumir, jogar e inverter os papéis. "Papel é uma experiência interpessoal e necessita de dois ou mais indivíduos para ser posta em ação. Todo papel é uma resposta a outro (de outra pessoa). Não existe papel sem contrapapel" (FONSECA, 1980, p. 20).

Fonseca propõe, pela técnica de inversão de papéis, uma espécie de medida da capacidade de "inverter ou experienciar o outro", avaliando-se, assim, o grau de saúde ou doença que atinge as pessoas. Quando há o desempenho e inversão de papéis significa

ausência total de "elementos psicóticos". Afirma que a técnica de inversão de papéis "pode realmente, guardadas as devidas ressalvas, constituir-se um dispositivo para "medir" o grau de "saúde-doença".

Um exemplo que já citei anteriormente, justificando outra questão, aqui retomo considerando que, neste caso, durante muito tempo não foi possível uma inversão de papéis, mas que não significa que tinha elementos psicóticos. A adolescente estava tão embotada psiquicamente que não se permitia ver-se no espelho, não se reconhecia como uma pessoa, se designando um "bicho do mato".

Como poderia permitir que os outros a vissem? Era como se ela não existisse, e o escuro fizesse parte dela. *“Escondo meu rosto atrás de um boné e o capuz do moletom. Roupas largas para não mostrar meu corpo. Gosto de animais e não de gente”. “Eu sou o escuro. Ele está em mim. Ele se esconde nas entranhas, e nos buracos deixados pela dor e pelo ódio. Eu grito, mas ele não vai embora. Agora ele faz parte de mim”.*

2.3 TÉCNICAS PSICODRAMÁTICAS

Moreno (1975) designou suas técnicas com o desejo de que seus clientes fossem eles mesmos no palco ou na vida. As técnicas são usadas na sessão de Psicodrama, grupal ou individual.

Duplo: está vinculada à primeira fase da matriz de identidade, fase da identidade total. A criança depende da mãe para sobreviver, está sendo o seu ego-auxiliar. Na sessão psicodramática, o ego-auxiliar ou o terapeuta pode expressar aquilo que o protagonista não consegue dizer.

Espelho: é o reconhecimento do eu da matriz de identidade, quando a criança ao ver-se no espelho reconhece sua imagem. No contexto dramático, o ego-auxiliar ou o terapeuta representa tal e qual a imagem do protagonista.

Inversão dos papéis: é terceira fase da matriz de identidade, onde existe o reconhecimento do outro. O adolescente nesse período é capaz de sair de si mesmo e se colocar no lugar do outro. Na sessão psicodramática, o cliente consegue se colocar no lugar do outro e desempenhar vários papéis.

Solilóquio: é um monólogo que o protagonista faz de si mesmo, dizendo em voz alta o que está sentindo ou pensando do que está acontecendo no momento da ação dramática.

2.4 MATRIZ DE IDENTIDADE

O conceito de “matriz” é um dos pilares na obra moreniana. Na teoria moreniana, a identidade é formada durante um processo de desenvolvimento evolutivo humano que tem seu alicerce na matriz de identidade.

Matriz de identidade é considerada o *locus nascendi*, a placenta social da mãe, onde inicia a comunicação entre a criança e o universo social da mãe. Lugar este ocupado pelo bebê antes de seu nascimento, numa organização social que proporciona a emergir as origens psíquicas e socioculturais. A criança, a partir das suas necessidades básicas, apreende e armazena as vivências de sua matriz de identidade.

A matriz de identidade é o universo indiferenciado onde o bebê vive antes e imediatamente após o nascimento (MORENO, 1975). “[...] essa matriz é existencial e pode ser considerado o locus de onde surgem, em fases graduais, o EU e suas ramificações, os papéis. Os papéis são os embriões, os precursores do EU, e esforçam-se por se agrupar e unificar” (MORENO, 1975, p. 25).

Para Moreno, no momento do nascimento do bebê, a matriz de identidade é o seu universo inteiro, onde não existe diferenciação entre interno e externo, entre objetos e pessoas, psiquê e meio. Deste modo, os papéis vão permitindo que a criança perceba e descubra a si própria e o mundo que gira no seu entorno.

Gonçalves (1988) assegura que Moreno sintetizou em três etapas as fases desenvolvimento da Matriz de Identidade:

Fase do Duplo: é a fase da indiferenciação, em que a criança precisa sempre de alguém que faça por ela aquilo que não consegue fazer por si própria, necessitando, portanto de um ego-auxiliar. A criança não diferencia pessoas de objetos, nem fantasia de realidade. Nada é divisível, tudo é uma unidade, pessoas e objetos, inclusive ela.

Fase do Espelho: é a fase da identidade total diferenciada, em que objetos, animais, pessoas e a própria criança passam a diferenciar-se. Neste momento, ora a criança demanda e concentra a atenção no outro, estranhando a si, ora demanda o inverso, ignora o outro, focalizando-se e em si mesma. Não existe ainda uma diferença efetiva entre real e imaginado, e a criança passa a imitar. Com a *brecha* entre a fantasia e a realidade, a criança adquire habilidade de começar processos de aquecimento diferenciados, para o desempenho de um ou de outro tipo de papel. Um fator importante para tornar essa passagem do mundo da fantasia para o da realidade e vice-versa é a espontaneidade como premissa da adequação da ação do sujeito e seus próprios papéis.

Fase de Inversão: nessa fase, a criança já consegue desempenhar, somente no imaginário, o papel do outro, ela é o gato, a princesa, o herói, etc. Após a existência da tomada de papel do outro, em seguida poderá haver a inversão de papéis.

Fonseca (1980), a partir da base teórica de Moreno sobre a matriz de identidade, buscou expandir as fases da Matriz de Identidade de uma maneira mais didática, facilitando o processo das psicoterapias, proporcionando o reconhecimento das “lacunas” em que o cliente está no momento que apresenta seus conflitos. Moreno não estruturou uma teoria ou sistemática específica para a compreensão e o atendimento psicoterápico dos adolescentes, mas seus conceitos e técnicas da teoria do Psicodrama servem para tal fim.

Quero salientar que existe um protocolo de atendimento de um adolescente feito por Moreno (1974), o caso William, de 14 anos, no qual ressalto a sua direção, e com importante participação dos egos-auxiliares. Apesar de importante este exemplo, não o apresentarei, por não ser o foco desta monografia.

Continuando a apresentar as técnicas, vejo que Indiferenciação e Simbiose são as bases teóricas para a técnica do duplo:

Indiferenciação - é uma fase cósmica. O cosmos é seu berço de nascimento e de morte.

Simbiose – o bebê passa a desenvolver sua individualidade, tem sensações de uma unidade, e começa a caminhada para discriminar do outro, do TU e do mundo. Permanece ainda atrelado à mãe, como se persistisse um cordão umbilical psicológico.

Reconhecimento do Eu – na continuidade, a criança já reconhece a si mesma, depara-se com sua identidade, entende que seu corpo é separado da mãe e do mundo. Reconhece sensações corporais, como fome, dor, etc, e vai se tornando mais sensível. Essa fase serve de embasamento teórico para a técnica do Espelho.

Correlacionando com a prática, para ilustrar esta fase como “lacuna” de um conflito, penso que o adolescente em questão ao se deparar com a sua identidade, já entende que está separado da mãe, no entanto, um adolescente que não tem a mãe por perto, vive com o pai, se “vê” no pai, onde seu vínculo é muito tênue, e o pai ainda exigia uma postura de “gente grande”: *“Meu medo é muito grande, não consigo sair de casa sozinho. Sinto dores, o médico diz que não tenho nada. Tenho medo de doença e de morrer”. “[...] na verdade odeio meu pai, que não entende que só tenho doze anos”*.

Refletindo sobre a teoria, nesse exemplo percebo que o jovem racionalmente sabe do seu medo do mundo, mas emocionalmente projeta no pai suas limitações, sentindo-se mais vulnerável ainda, pois o pai possivelmente não responderá as suas expectativas. No caso em

questão, o adolescente, ao dar-se conta dos seus medos e de suas limitações, busca possibilidades de enfrentamento, promovendo mudanças.

Reconhecimento do tu – O reconhecimento do Eu e o reconhecimento do Tu acontecem ao mesmo tempo. Descobrir o outro, sente e reage em relação às suas ações.

Relações “em corredor” – o eu e tu reconhecidos, ocorre, conforme Moreno, a brecha “entre a fantasia e a realidade”. A criança agora relaciona com outros “Tus” da sua vida, além da mãe, mas de maneira exclusivista e possessiva. Nesta passagem sente-se única.

Cito aqui a experiência com uma adolescente com muita dificuldade de vinculação com os “tus” da sua vida, em que só existe praticamente três pessoas na sua vida. *“Não tenho amigos, são todos chatos, prefiro dormir a que ter amigos. Não confio em ninguém, nem em ti”*.

Percebo aqui para esta jovem a dificuldade em crescer, de sair do mundo infantil e passar para o mundo adulto. Mas tem um agravante neste caso, esta jovem perdeu seus pais com quatro anos de idade, sendo ela e sua irmã acolhida pela avó materna. Diante da idade avançada da avó e o medo da morte desta, parece que o melhor é não crescer. Crescer é ver a avó envelhecer. Envelhecer é estar perto da morte. É uma cliente com muita dificuldade de vinculação, vem aos atendimentos porque a avó exige, fala pouco, mas vem. Cada possibilidade encontrada com ela é gratificante.

Pré-inversão – a criança suporta jogar o papel do Tu, mas não permite a reciprocidade, ou seja, sem inversão.

Triangulação – a “crise da triangulação”, a comunicação da relação era bi-pessoal e agora é triádico. O Eu se assusta com a entrada do Ele, que também se relaciona com o Tu, é como se a criança ficasse abandonada e sente-se roubada. A forma resolutiva desta fase seria a compreensão da criança de que existem outras relações além dela. Que pode haver um compromisso igual para três.

Neste exemplo seguinte pontuo a não aceitação do terceiro na relação triangular, causando conflito e direcionando suas relações com o outro imaginário. Hoje, o mundo virtual da internet apresenta uma saída aparente através das redes sociais, colocando a prova toda sua insegurança relacional. Esta jovem justifica suas dificuldades sociais e o “mergulho nas redes sociais” por causa do novo relacionamento da mãe. Isto me faz pensar que ela está na fase da matriz de triangulação. *“Acho que minha mãe não gosta mais de mim, desde que conheceu o meu padrasto eu só sou xingada. Por isso, me exponho e me coloco em risco nas redes sociais. Assim ela terá muito trabalho comigo”*.

Circularização – a criança já está preparada para se relacionar com a sociedade, amigos e escola. Há possibilidade de “inclusão grupal”, tendo afeição e envolvimento do Eu-Nós, que será muito importante para os futuros relacionamentos grupais e sociais.

Aqui vejo o conflito de um adolescente que para se sentir aceito pelos grupos, não percebe a diferença entre querer ser aceito como é, e precisar se machucar para chamar a atenção do grupo: *“Tenho muitos amigos, me relaciono bem com todos. Todos são super amigos. Para ser aceito nos grupos me proponho a correr riscos. Até mesmo ser golpeado para desmaiar. Faço roleta russa de long. Assim eles me acham o máximo”*.

Será que este adolescente está nesta fase da matriz de identidade? Tenho dúvidas, pois quer se anular na vontade do grupo.

Inversão de Papéis – “significa incluir-se do outro lado”, como diz Buber (1977). O ser humano conquista uma capacidade de realizar uma relação verdadeira, profunda entre duas pessoas. Esta etapa da inversão de papéis pode-se dizer que é um sinal de maturidade, de saúde psicológica. Nesta etapa, o adolescente consegue desempenhar o papel do *outro* diante de uma terceira pessoa que, por conseguinte, desempenha o dela. Aqui ela não só desempenha o papel do outro, mas também aceita, no *como se*, que outra pessoa desempenhe seu próprio papel. E vai aprimorando-se durante a vida, sendo a base teórica técnica na dramatização a “inversão de papéis”.

Nesta questão, tenho um exemplo de um adolescente de 17 anos, que vem para atendimento a pedido da mãe, mas na verdade é um jovem tranquilo, tem amigos, se relaciona bem com seus pares, tem crítica em relação a sua família. Na dramatização no “como se”, ele inverte os papéis com todos os personagens do seu átomo social e familiar, conseguindo se colocar no lugar do outro. Consegue se incluir do outro lado.

Encontro – pode acontecer durante a inversão de papéis um momento de vinculação máxima entre as pessoas envolvidas, de troca integral, de unidade cósmica, de espontaneidade e criação mútua, que revitaliza a identidade do eu e do tu, é um lampejo, um instante, pois há que haver equilíbrio e harmonia cósmica.

2.5 PSICODRAMA BIPESSOAL

Neste capítulo quero destacar a importância da psicoterapia psicodramática bipessoal; para isso, irei correlacionar à visão de autores contemporâneos, com a teoria de Jacob Levy Moreno. Anseio por conceituar o Psicodrama Bipessoal, pois na minha prática clínica no atendimento individual de adolescentes, faço uso deste método. Ressalto o atendimento com adolescentes, devido ao foco deste trabalho, na verdade eu utilizo com crianças e adultos também.

Início trazendo Bustos (1985), que assegura que Moreno se referia à psicoterapia bipessoal como um exemplo de antiespontaneidade. Ao mesmo tempo, adverte que entendamos essa afirmação considerando o contexto em que Moreno a estabelecia. Continua a fazer considerações bastante interessantes acerca do contexto bipessoal, de acordo com a história relacionado à Psicanálise e o contexto grupal, não o é para o qual foi criado o Psicodrama.

Na psicoterapia individual, todo o foco do trabalho é um único cliente, que favorece o autoconhecimento mais arraigado e extenso, uma vez que esse tipo de processo terapêutico libera uma espécie de concentração das tensões, originárias do vínculo com o terapeuta. A propósito, o único vínculo real presente nesse contexto. Por outro lado, afirma Bustos (1985) que os grupos, mais assemelhados aos contextos sociais, com múltiplos vínculos, propiciam o trabalho das tensões inerentes às relações interpessoais.

Bustos (1982) foi pioneiro no uso do Psicodrama bipessoal no Brasil. Ele entende que seria um erro pensarmos o Psicodrama somente como técnica no contexto grupal. bipessoal é um termo usado para designar o atendimento com apenas duas pessoas envolvidas, sem a presença de egos-auxiliares. Uma relação entre duas pessoas, o terapeuta e o cliente. “bipessoal” significa para Moreno que os dois envolvidos na relação terapêutica sofrem transformações durante o processo, tanto o psicodramatista quanto o adolescente se relacionam com sua mão dupla, cada um no seu papel.

No Psicodrama a dois, compete ao psicodramatista criar as interações que promovam a espontaneidade e a criatividade. O papel do terapeuta é proporcionar condições para o cliente expressar seus conflitos por meio do exercício cênico ou verbal de seus vários papéis. Promovendo o alívio do sofrimento. Terapeuta e cliente são agentes terapêuticos com potencialidades (MORENO, 1975).

Um grupo começa com duas pessoas, quando o terapeuta é um verdadeiro segundo e não apenas um observador.

A história conta que Moreno fez alguns poucos atendimentos bipessoais. Está claro que ele não se interessava pela psicoterapia processual como a praticamos hoje e que tem sua influência na psicanálise de Freud. Considero que os pós-morenianos foram reunindo elementos da psicanálise ao Psicodrama bipessoal para criar este método rico de trabalho.

Perazzo aponta que:

Moreno “cria dúvidas sobre a validade de existir psicodrama individual”, à medida que afirma que esse tipo de atendimento “traduz menos uma indicação específica que uma dificuldade do diretor de psicodrama de incluir o grupo”. (PERAZZO, 1990, p. 578).

Mas a história justifica o postulado de Moreno, que não trabalhava como psicoterapeuta, nem como psiquiatra até 1936, quando então estava com 47 anos, época em que desenvolve o Sanatório Beacon Hill. Lá, ele trabalhava com uma equipe de paramédicos, futuros egos-auxiliares. Naquela época não era de sua prática esse modelo de psicoterapia processual que hoje nos é bastante familiar, tampouco, trabalhou como um psicoterapeuta que, como nós, diariamente atendemos em nossas clínicas uma série de clientes, na grande maioria das vezes, com uma frequência semanal e em tratamentos de média e até longa duração.

Moreno propôs o Psicodrama para o teatro terapêutico, para grupos abertos. É a psicoterapia momento e não a psicoterapia processo. Concordo com Fonseca (2000) quando pontua que são completamente diferentes as relações interpessoais de um mesmo grupo, cuja frequência de encontros é semanal, das interações pessoais de outro grupo que teve um único encontro. O que difere entre estes dois grupos? Os vínculos entre os participantes e o contrato de trabalho.

É esplêndido e brilhante a originalidade da concepção de Moreno, a filosofia e os conceitos que dão base à sua construção teórica, a sua paixão pelo grupo e pelo que ele concebe no desenvolvimento e na vida do indivíduo. E, além disso, o criativo método da ação. Refletindo sobre seu método, penso: que contribuições a mais ele teria desenvolvido para o campo da psicoterapia bipessoal se ele a tivesse considerado como um campo do Psicodrama? Imagino que teríamos a sua eficiente contribuição também para o bipessoal, assim como para o grupal. Faço uso do Psicodrama bipessoal no atendimento com adolescentes e corroboro com a sua aplicabilidade, com resultados, mudanças e transformações importantes.

Outra autora, Cukier (1992), uma psicodramatista contemporânea, ressalta a importância da psicoterapia individual e diz que o Psicodrama bipessoal é uma modalidade da

abordagem terapêutica proveniente da teoria de Moreno. De tal modo, compreender o indivíduo na sua subjetividade e inter-relações é o objetivo de qualquer tipo de modalidade terapêutica.

Bustos valida a psicoterapia bipessoal, mesmo sendo reduzido o instrumental técnico dramático, comentando que:

[...] em muitos casos, é somente nesse contexto que surgem conteúdos que, no contexto grupal não se poderiam acessar. Eleva a questão de que a presença de outras pessoas pode criar situações de tensão que são intoleráveis para alguns clientes. Concluindo que nem todos os clientes se beneficiariam do trabalho em grupo. A psicoterapia bipessoal permite a criação de um encadeamento contínuo entre o trabalho em ação e o verbal. E, o “eixo télico-transferencial aparece aqui de forma muito clara, o que não ocorre no caso do psicodrama-ato” (BUSTOS, 1982, p. 30 e 31).

Ao olhar as diferenças da psicoterapia psicodramática bipessoal em relação ao Psicodrama moreniano, Bustos faz uma analogia:

Não são tão frequentes as catarses de integração, mas sim os *insights* dramáticos e as resistências aparecem diante da ação da mesma forma que diante da palavra. O enfoque básico moreniano não pode, nem deve manter sua estrutura original, não obstante não deixa de ser Psicodrama, já que nas sessões puramente verbais se mantenham os traços básicos de todo o pensamento moreniano (lócus, matriz e *status nascendi*), toma as bases da sociometria como eixo da compreensão da relação interpessoal e se coloca o psicoterapeuta na posição existencial de encontro (BUSTOS, 1982, p. 31).

É importante clarificar que Bustos (1982) entende *insight* sob o ponto de vista psicodramático. A compreensão e a clarificação do *insight* não são apenas do cliente, mas de ambos, cliente e terapeuta. E, ao proteger o verbal na prática psicodramática, afirma que é falso crer que o Psicodrama é somente ação. “O objetivo da ação é reabrir a significação do nível simbólico da comunicação, nunca prescindir do mesmo” (BUSTOS, 1982, p. 31).

Complementando a contribuição de Bustos, trago as palavras de Cukier (1992) quanto à dramatização, considerando as dificuldades do terapeuta iniciante em seus atendimentos bipessoais, apresenta o que chamou de seu “repertório de manejos terapêuticos”, dividido em técnicas clássicas, como as que Moreno propôs: Duplo; solilóquio; maximização, e ainda, com adequações para aplicação em atendimentos bipessoais (CUKIER, 1992p,39).

No **Espelho**, o terapeuta se coloca no lugar do cliente, reproduzindo uma acurada atitude física que este havia assumido.

Cukier (1992) adverte que o terapeuta pode se colocar no lugar do cliente, tomando o cuidado de avisar ao cliente o que fará. Pode também utilizar uma almofada, descrevendo

para o cliente, de forma clara e enfática, o que viu. Inversão de papéis no psicodrama bipessoal: Para a autora, é através do aquecimento que a tomada de papel se faz possível. E que “quanto maior for à aderência e empatia que o paciente obtiver na tomada de papel do outro, mais poderemos falar em inversão de papéis” (CUKIER, 1992, p. 45).

A técnica da entrevista para a tomada de papel, assim como o terapeuta ceder a sua voz à almofada que representa o cliente, pode ajudar a esse aquecimento, uma vez que favorece o “como se”.

Concretização: é a materialização concreta, em formas de imagens, movimentos, ou discursos dramáticos, de emoções, conflitos e sensações corporais, viabilizando ao cliente o que essas emoções e sensações fazem com ele.

Dramatização em cena aberta: se denomina qualquer situação que o cliente queira trabalhar, ou conflitos, ou cena de um sonho.

Psicodrama interno: técnica criada pelo Psicodramatista Fonseca, vista assim a autora entende a técnica como “um trabalho de dramatização onde a ação dramática é simbólica. O paciente pensa, visualiza e vivencia a ação, mas não a executa” (CUKIER, 1992, p. 54).

Ainda nesta questão, a autora traz as referências de Bustos (1979), para o qual o cliente é instigado a entrar em contato com seus recursos, sejam eles físicos, emocionais ou imaginários. Que possa acionar o mundo interno do cliente e uma interação com seus personagens, por meio do recurso mental, usando o psicodrama clássico.

Sonhos: como outras técnicas em psicodrama bipessoal, a dramatização de partes de sonhos, com a ausência de egos-auxiliares, tem a possibilidade do uso de almofadas, panos, botões e outros objetos, com o terapeuta emprestando a sua voz e referindo-se sempre na terceira pessoa do singular.

Imagens ou esculturas: segundo Cukier (1992), é um recurso potente para concretizar os conteúdos simbólicos apresentados pelo cliente e para se trabalhar vínculos, sejam eles familiares, grupais ou intrapsíquicos. Através da imagem, pode-se obter um resumo dos conteúdos abordados.

Jogos dramáticos: o jogo dramático oferece ao indivíduo a descoberta de novas configurações, maneiras de lidar com situações de sua vida parecidas com às do jogo, e com normas de conduta. Segundo Motta (2002), o homem é o jogo, o lúdico faz parte da construção humana, sendo reconhecido como traço essencial da psicofisiologia do seu comportamento. Considerando o jogo uma atividade voluntária, atribui divertimento, desempenhada dentro de certos limites de tempo e de lugar, conforme regra imposta, porém

consentida. Yozo (1996) confirma contribuindo que no jogo existe uma íntima relação entre liberdade e a ordem. Permite assim uma aproximação terapêutica do conflito.

Cukier (1992) ainda relaciona inúmeros jogos dramáticos explorativos, que faz uso em seus atendimentos bipessoais: átomo social, historiodrama, imagem da família ou átomo sociofamiliar, história do nome, o outro me apresenta, projeção do futuro, tirar “roupas” ou esquema de papéis, fotografia, encontro do Eu grande com o Eu pequeno, técnica da cadeira vazia.

Enfim, considero que a metodologia dos jogos é um importante recurso psicodramático para o trabalho terapêutico bipessoal com adolescentes.

Exemplifico com o caso da adolescente que me reportei anteriormente que durante muitas sessões fez uso do jogo “life”, que possibilitou contar e recontar histórias, dentre elas a sua história teve um novo significado. Todos os exemplos de jogos acima citados são recursos muito interessantes, principalmente por ser o jogo um objeto intermediário. O adolescente muitas vezes chega para o atendimento cheio de defesas, não quer se expor. Afinal, o que minha mãe ou pai querem? “Acham que vou sair contando tudo assim?”. Por esta e muitas outras razões, os jogos são técnicas eficazes, deixando o “campo emocional relaxado”, propiciando o desenvolvimento da espontaneidade e da criatividade.

Sobre o **compartilhar** no psicodrama bipessoal, Cukier (1992) aponta certa cautela ao efetuar o compartilhamento de experiências e emoções do terapeuta, analisando a assimetria da relação terapeuta–cliente. Concorda com Bustos, sinalizando:

[...] a conduta mais adequada do *sharing* advém da tele e da autenticidade do diretor. Sendo importante que em alguns casos compartilhar alguma experiência semelhante pode trazer um certo alento ao paciente, como que desfazendo o caráter de experiência única, excepcional, com a qual ele recobre a situação traumática que acabou de revivenciar (CUKIER, 1992, p. 113).

3 ADOLESCÊNCIA

A origem da palavra adolescência vem do latim “*adolentia*”, que significa período da vida humana que sucede à infância, começa com a puberdade, e se caracteriza por uma série de mudanças corporais e psicológicas. Estende-se aproximadamente dos 12 aos 20 anos, podendo ir dos 14 aos 25 anos (FERREIRA, 1988, p. 69).

Encontramos ainda quem defina adolescência como uma fase natural da vida marcada pelas transformações biológicas e comportamentais. Outra pesquisadora como Ana Bock (2007), vai entender e descrever a adolescência como um processo de construção social e histórico, como sugerido no artigo “Adolescência como uma construção social”.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), adolescência é definida como um período da vida que começa aos 10 anos e termina aos 19 anos completos. Para a OMS, a adolescência é dividida em três fases: Pré-adolescência – dos 10 aos 14 anos, Adolescência – dos 15 aos 19 anos completos, Juventude – dos 15 aos 24 anos.

Penso que, quanto à Organização Mundial da Saúde ter estas três fases bem definidas, devem estar envolvidos recortes etários, parâmetros de desenvolvimento físico algo mais concreto e em média, certamente não levando em consideração outras tantas questões. Por muitas razões, não podemos definir a adolescência em termos concisos. Em primeiro lugar, é amplamente reconhecido que cada sujeito vivencia esse período de modo distinto, dependendo de sua maturidade física, emocional e cognitiva, assim como de outras contingências. Mesmo o início da puberdade, que pode ser considerada uma linha de demarcação clara entre infância e adolescência, não resolve a dificuldade de definição. Adolescência como a conhecemos no Brasil é uma construção social muito mais que biológica.

Ao falar de adolescência, não posso deixar de mencionar a lei 8.069, que regulamenta o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que considera a adolescência a faixa etária dos 12 até os 18 anos de idade completos, sendo referência, desde 1990, para criação de leis e programas que asseguram os direitos desta faixa da população. Em casos excepcionais e quando disposto na lei, o estatuto é aplicável até os 21 anos de idade (artigos 121 e 142). O adolescente pode ter o voto opcional como eleitor e cidadão a partir dos 16 anos. O conceito de *menor* fica subentendido para os menores de 18 anos.

Segundo a Secretaria de Direitos Humanos, citada por Chagas e Chagas (2013):

Este documento é um marco da proteção à infância no País e substituiu o Código de Menores. Criado em 1927, o Código de Menores representava um avanço já que trazia à tona uma legislação específica para crianças e adolescentes, inclusive com a ideia de que crianças fossem separados das prisões e instituições de adultos. No entanto, trazia na sua essência um olhar para a infância pobre, abandonada e em conflito com a lei para garantir a “ordem social”. Era um sistema focado na proteção e assistência através da justiça e assistência social marcando de forma pejorativa o termo “menor”.

A publicação do ECA, em 1990, trouxe uma nova perspectiva, de prioridade absoluta às crianças e aos adolescentes e como sujeitos de direitos, inspirada na Convenção das Nações Unidas pelos Direitos da Criança, de 1989, que o Brasil foi o primeiro País a ratificar. A partir deste marco uma grande parte das ações públicas e privadas passaram a desenvolver programas de saúde, lazer, defesa dos direitos, da prevenção de violência e educação.

Eisenstein (1999) pontua esta fase da adolescência com características muito diversas e variáveis a partir dos parâmetros biológicos e psicossociais que ocorrem, e denominadas de *assincronia de maturação*, a idade cronológica, apesar de ser o termo mais comum, muitas vezes não é o melhor critério descritivo em estudos clínicos, antropológicos e comunitários ou populacionais.

Quanto à perspectiva do educador, Jean Piaget (1994, 1995) toma a adolescência como palco da potencialização de duas conquistas nessa direção: a do pensamento hipotético-dedutivo e a da moral autônoma. Deve-se ressaltar que as concepções de Piaget sobre o desenvolvimento cognitivo exploram a unidade funcional entre as dimensões cognitiva, lúdica, afetiva, social e moral da pessoa, enfatizando que todas as demais estão subordinadas à primeira.

Ainda Piaget (1994) ressalta que é na adolescência que o sujeito pode alcançar a forma mais evoluída de desempenho cognitivo, dada a capacidade para as operações mentais formais. Isso exige a descentração do pensamento, sua virtualização e construção de representações em diferentes elocuições, tendo como guia a perspectiva do outro, propiciando as conquistas do adolescente no campo moral, denotando-se a concretização da capacidade dependente da ação moral e ao julgamento moral, analisando-a e posicionando-se com base em critérios independentes da própria condição.

Além dos aspectos acima citados do desenvolvimento cognitivo, ocorrem também as transformações físicas da puberdade nessa fase do adolescer, que é definida por um período de desenvolvimento sexual de meninos e meninas e capacidade de procriação (maturação sexual), sendo a puberdade um fenômeno predominantemente biológico, compreendendo fundamentalmente as transformações corporais, embora também influenciadas pelo fator

social. Logo, a adolescência cita-se mais aos elementos psicológicos do processo psicossocial, tendo em vista estar constantemente determinada, influenciada e modificada pela sociedade (PEREIRA, RAMAO, VITALLE, 2014).

Conforme pesquisa nacional:

Existe uma ocorrência de uma enorme alteração no tempo de início, duração e progressão do desenvolvimento *puberal*, com acentuadas diferenças entre os sexos e entre os diversos grupos étnicos e sociais de uma população, até mesmo de acordo com estado nutricional e fatores familiares, ambientais e contextuais. A *menarca* aponta a primeira menstruação da adolescente, e ocorre em média aos 12,8 anos de idade, com a diferença significativa de 12,18 anos para as áreas urbanas e 12,89 anos para as áreas rurais do país (BRASIL/INAN/PNSN, 1992).

Segundo a medicina, a puberdade é só um dos aspectos da adolescência. Ela é um processo maturacional, hormonal e de crescimento que depende de determinantes biológicos, que levam ao desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários, desenvolvimento das gônadas, alterações no aparelho cardiocirculatório, na massa magra e distribuição de gordura (mudanças na composição corporal) e a um rápido crescimento esquelético que termina com a fusão das epífises, quando se atinge a estatura final.

Entre os 10 e os 20 anos de idade, as crianças sofrem alterações rápidas no tamanho, forma e fisiologia do corpo e na função psicológica e social. A idade de início da puberdade varia de adolescente para adolescente, sendo influenciada por fatores genéticos e ambientais, entre vários outros. Alguns estudos indicam que a puberdade tem vindo cada vez mais cedo, sendo que um dos fatores são o nível de nutrição e a saúde em geral.

Todo adolescente passa pelo estirão, durante o qual ocorre uma intensa fase de aceleração, seguida por uma desaceleração rápida do crescimento até sua parada. A forma do estirão é semelhante em todos, embora a amplitude varie, dependendo do sexo da criança e da idade em que ele ocorre. Ao mesmo tempo em que a criança cresce em estatura, ela também ganha peso.

Percebo como uma das épocas mais transformadoras da vida o período da adolescência, pois não é apenas o jovem que muda psicológica e fisicamente, mas também, em consequência, as suas relações familiares e sociais, sendo uma etapa da vida propensa a surgir conflitos familiares, escolares e pessoais, com mais ou menos sofrimentos.

Constantemente, não somente o adolescente está confuso com todas estas mudanças, mas também os pais. E vêm as dúvidas: “*como vou lidar com ele/ela, se acha feio, se isola, não quer sair?*”. Reclamam do corpo, que está estranho, as pernas estão longas demais, a voz que muda... E diante destas dúvidas, os adolescentes trazem que os pais não os entendem.

“Quero sair, eles não me deixam, mas querem que eu tenha responsabilidades. Quero ficar sozinho eles não entendem. Me olho no espelho e me acho gorda...”

Para conceituar minha reflexão, neste sentido, Dolto (1908-1988), autora de clássicos sobre a psicologia de crianças e adolescentes, diz que os seres humanos têm dois tipos de imagem em relação ao próprio corpo: a real, que se refere às características físicas, e a simbólica, que seria um somatório de desejos, emoções, imaginário e sentido íntimo que damos às experiências corporais. Na adolescência, essas duas percepções são abaladas.

Cito este exemplo para ilustrar as percepções abaladas de uma adolescente que sofria *bullying* na escola, por usar uns óculos “fundo de garrafa”. *“Começo a me isolar e passo a fazer cortes em meu corpo. Sem amigos. Sou feia, e tenho dores físicas”*. Desenha um coração com vermes, fissuras.

Erikson (1976) atribui à necessidade de o adolescente fazer uma relação de seu passado e futuro, através de um processo de recapitulação e antecipação. Enfim, enfatiza a singularidade, criticando a hipótese de uma adolescência universal, levando em consideração as dimensões de contexto. O conflito adolescente é um instrumento pelo qual todo indivíduo aprende a conhecer a complexa e sutil diferença entre ele mesmo e seu ambiente, portanto, entre si mesmo e o outro.

Concordo com o autor no sentido de que a adolescência é singular e única para cada sujeito, levando-se em conta o contexto social e cultural. Em nossa cultura, podemos salientar que o surgimento da adolescência, apesar de ser mais ou menos pré-estabelecida, muitas vezes tem se manifestado antes do tempo, e em alguns casos prolongando-se por mais tempo. Neste sentido, acontece em algumas situações que o adolescente se denomina “grande o suficiente” para tomar decisões importantes para sua vida e corpo físico/emocional.

Como ouvi de uma adolescente: *“Quero fazer uma tatuagem, meus pais não deixam, já sou grande, sei o que quero não vou me arrepender, como eles dizem. Preciso marcar no meu corpo a minha revolta”*.

Mesmo em nossa cultura brasileira, podemos dizer que este processo de amadurecimento é igual? Aqui no Brasil, será possível dizer que os índios vivem o mesmo processo? Que os jovens de periferia e os de classe média-alta passam pelo mesmo processo? Vejo que as pesquisas e conhecimentos citados dependem do ponto de vista do que está sendo desenvolvido. Nenhuma das citações consegue definir com amplitude esta fase do desenvolvimento humano.

Penso que são muitas as definições que tentam explicar a adolescência, sendo esse resultado de uma construção social, econômica e cultural do momento que vivemos hoje.

Algumas definições empregam conceitos (embasados em estudos da psicologia, da educação, da filosofia, da medicina etc.), no caso da Organização Mundial da Saúde utilizam recortes etários. No entanto, não considero possível podermos reduzir esse período do desenvolvimento humano aos conceitos que os caracterizam, exatamente porque estamos falando de seres humanos. Concordo que falando de seres humanos, as nuances são muitas, pois entendendo que questões culturais e sociais podem modificar significativamente estas definições ao explicar o processo do adolescer. Trata-se de uma questão extensa e discutível, e não tenho a aspiração de esgotar o assunto e de nem de ter uma única verdade, por acreditar que os sujeitos sofrem transformações no seu modo de pensar e de se comportar, sendo que sofrem influências do momento histórico, político, social e cultural.

3.1 O QUE MUDOU NAS FAMÍLIAS A PARTIR DO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA)

Considero não ser possível falar de adolescência sem refletir sobre família, porque na atualidade o conceito de família vem se modificando. Percebe-se a existência de diferentes estruturas familiares, devido às transformações sociais e culturais.

Segundo Minuchin (1982), a família se constitui num complexo sistema de organização, com crenças, valores e práticas ampliadas ligadas diretamente às transformações da sociedade, visando à busca da melhor adaptação possível para a sobrevivência das partes e da instituição como um todo. O sistema familiar muda conforme a sociedade muda, devido a pressões internas e externas. Ainda conforme Minuchin, encontramos algumas definições de famílias:

Família monoparental: composta por apenas um dos progenitores: pai ou mãe. Os motivos que possibilitam essa estrutura são diversos. Englobam causas circunstanciais (morte, abandono ou divórcio), ou ainda, a decisão (na maior parte dos casos, uma decisão da mulher) de ter um filho de forma independente.

Família comunitária: nesta estrutura, todos os membros adultos que constituem o agregado familiar são responsáveis pela educação da criança.

Família arco-íris: é constituída por um casal homossexual (ou pessoa sozinha homossexual) que tenha uma ou mais crianças ao seu cargo.

Família contemporânea: é caracterizada pela inversão dos papéis do homem e da mulher na estrutura familiar passando a ser a mulher a chefe de família. Abrange a família monoparental, constituída por mãe solteira ou divorciada.

Outros conceitos de família são:

Família Real: constituída pelo soberano (um rei ou uma rainha) e todos os seus descendentes. Os membros de uma família real são figuras importantes e gozam de determinados privilégios na nação que representa.

Sagrada Família: constituída pela tríade cristã representada na Bíblia Sagrada por Jesus, Maria e José.

Estes são alguns exemplos de família que o autor aponta, mas não esgota o tema. Compreendo a família para além de reunião de pessoas com o mesmo sangue. Família é encontro de afeto, companheirismo entre duas pessoas ou mais. Concordo plenamente com o entendimento postulado por Moreno sobre a família, como sendo uma comunidade repleta de relações interpessoais entre os membros, assegurando que:

Quando duas pessoas vivem juntas e se encontram diariamente, então começa a verdadeira situação teatral, proporcionando alegria ou sofrimento. É essa situação que produz o conflito. Converte os solitários habitantes da casa numa comunidade (MORENO, 1975, p. 76).

Na concepção de Moreno, a família é uma comunidade com relações interpessoais, vivendo e convivendo com diferenças de todas as ordens; obviamente, que haverá alegrias e sofrimentos, mais ou menos intensos, conforme compreensão, entendimento ou não de seus membros.

Tiba (2005), em sua fala, nos traz uma reflexão sobre a atual constituição familiar, marcada por uma união de pessoas que vem de outras relações sociais e conjugais, referindo-se que:

[...] atualmente, são muitos os casos em que uma família constituída conta com a mãe, os avós, o novo marido (ou a nova esposa), os filhos do novo casamento, mais os filhos do antigo casamento, e assim por diante. Dentro da realidade apresentada, como ficam os filhos, principalmente os adolescentes? (TIBA, 2005, p. 36).

Considerando as reflexões por mim descritas, a partir de minha prática clínica das demandas apontadas no atendimento bipessoal com adolescentes ante suas famílias, percebo as características positivas e negativas das famílias em questão, surgindo assim, alguns conflitos e elaborando outros, pois cada membro familiar é único, tendo compreensões e entendimentos diversos, com intensidades e frequências múltiplas.

Cito aqui alguns exemplos de relações familiares, refletindo sobre as considerações de Tiba, que questiona a realidade apresentada hoje pelas diferentes conjugações familiares.

Claro que minha pesquisa não se esgota aqui, existe muito a ser pesquisado ainda sobre as questões familiares contemporâneas e suas implicações no processo da adolescência, mas neste momento, conforme os recortes que fiz, mudam-se os vínculos familiares, e podem ocorrer dificuldades e sofrimentos, mais ou menos intensos, independente da conjunção familiar.

Um dos exemplos é o de uma adolescente de 14 anos que vem com a queixa de tristeza e incompreensão por parte de sua mãe. Sua mãe casou-se novamente, e seu padrasto é uma pessoa legal, que deu significado a sua filiação, pois houve uma identificação saudável com este novo sujeito que entrou na relação familiar. Ela não tem uma boa relação com seu pai biológico. Esta adolescente teve uma atitude inadequada nas redes sociais, e passou a sofrer ameaças por conta deste fato. E relata que neste momento seu padrasto foi de extrema importância, pois ele a ajudou a enxergar o dano e não simplesmente a acusou.

Em outro caso, cito a história de um adolescente, que seu padrasto deu-lhe seu sobrenome. *“Meu pai me abandonou quando eu tinha três anos, minha mãe me criou sozinha até os oito anos, depois ela casou novamente. No início foi difícil pra mim, mas hoje considero meu padrasto como um “pai”. Ele fez diferença na minha vida”*.

Em outro exemplo, o padrasto trouxe muito sofrimento. Um padrasto em desequilíbrio emocional, com séria instabilidade de humor, deixando a família em muita insegurança, pois nunca sabem como ele vai chegar, bem ou mal. *“Ele me controla, me aprisiona. Fala coisas horríveis. Não posso sair com meus amigos, porque acaba brigando com minha mãe, e ela me culpa, por estragar a vida dela”*.

Este caso é de uma família dita “tradicional”: pai, mãe e dois filhos adolescentes. A jovem de 16 anos relata que se mutila, fazendo cortes em seu corpo para aliviar a angústia. Ela sabe a algum tempo que seu pai está envolvido com uma terceira pessoa. Esconde de sua mãe, e obviamente que isso lhe causa sofrimento. Não sabendo como agir, se fecha em seu mundo sentindo uma profunda angústia. E relata: *“Sinto uma angústia, um vazio, uma tristeza, e me corto em lugares do meu corpo que ninguém veja, somente eu”*. *“Não consigo olhar para minha mãe, sinto que estou a traindo também”*.

Penso que o conceito de família foi apontado de várias formas, como complexo, dinâmico, e está atrelado à sociedade humana em que está inserida, sofrendo transformações invariavelmente. A estrutura familiar, assim, traz em seu âmago não apenas a ideia de vínculos que unem as pessoas entre si, mas, sobretudo, a da existência de uma estruturação psíquica em que cada pessoa deve ter o seu lugar e exercer uma função, de filho, de pai, de mãe, etc. Além de, como unidade, ter a função de referenciar determinada pessoa na

sociedade, os vínculos familiares nem sempre são afetivos positivos. Na adolescência, os vínculos dos jovens passam por transformações, se vinculando também a vários outros grupos sociais, políticos, religiosos, etc.

A família, após a aprovação do ECA, modificou-se, sendo parte de um processo de inserção social de seus filhos, devendo receber suporte para o fortalecimento dos vínculos entre eles e com a comunidade ao seu redor. O Estatuto da Criança e do Adolescente atribui à família a responsabilidade prioritária de educar e proteger suas crianças e adolescentes, oferecendo condições adequadas para promover seu desenvolvimento integral.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), enquanto lei, alterou essa posição, de direitos individuais, políticos e sociais, anteriormente tendo alguns privilégios do adulto, ampliando e garantindo seus direitos à criança e ao adolescente que deverão ser assegurados pela família, pela sociedade e pelo Estado. É o "novo olhar" para a infância e a adolescência, provocando transformações. É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, convivência familiar e comunitária. A família é, pois, a base social do Estado Brasileiro acarretando para este o compromisso de protegê-la.

A relevância familiar partiria da ideia acima exposta, em especial dos papéis desempenhados por cada integrante da família e da existência de afeto e respeito entre eles, importando-se destacar que eventuais privações nessas relações familiares repercutem no desenvolvimento emocional e psíquico e na formação ético-moral dos seus integrantes – notadamente no desenvolvimento e na formação de crianças e adolescentes. A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis. (BRASIL, 1990, p. 19).

Estas mudanças que o ECA trouxe vêm sendo interpretadas de diferentes maneiras pela sociedade. Na minha prática clínica, vejo que os adolescentes estão questionando mais seus direitos e em alguns casos pontuando com os pais. Por outro lado, vejo pais confusos, querendo buscar ajuda, mas ao mesmo tempo questionando: Será que devo? Em muitos casos, a escola pressiona, porque observa o sofrimento do adolescente. Alguns pais aceitam os questionamentos da escola e acolhem, outros não percebem a necessidade. Outros, ainda dizem: *“no meu tempo se resolvia isso com uma surra”*.

Os pais, além de importante participação e de compreensão dos filhos, devem se mostrar sensíveis às necessidades de seus filhos, fazendo com que a criança se sinta amada e

protegida. Os pais têm um papel principal de fornecer as bases dos seus comportamentos, em que se inclui também o papel de transmitir valores de diversas naturezas.

Temos conquistas importantes com relação ao direito à educação, à saúde, à convivência familiar e comunitária, contudo ainda precisamos avançar muito, principalmente na valorização da infância como o bem mais precioso. Enquanto tivermos crianças e adolescentes sofrendo, temos muito trabalho a desenvolver.

Recentemente surgiu um projeto que muda um trecho do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a “lei da palmada” ou lei menino Bernardo. Essa mudança define que crianças e adolescentes não podem ser educados com castigos físicos, tratamento cruel ou humilhações por pais, responsáveis, família e profissionais como médicos ou professores. Por coibir os castigos físicos, o texto foi apelidado de "Lei da Palmada"

O Projeto de Lei nº 7.672/2010, de iniciativa da Presidência da República, altera o Estatuto da Criança e do Adolescente para estabelecer o direito da criança e do adolescente de serem educados e cuidados sem o uso de castigo corporal ou de tratamento cruel ou degradante.

Considero o ECA como um avanço em relação à proteção à criança e ao adolescente, evidenciando que ele não proíbe a educação, ao contrário, a incentiva; proíbe os maus tratos, os exageros, que são maléficos. Muitos, tendo uma má interpretação da lei, se aproveitam das proibições como desculpas para não se envolver na arte de formação incondicional das crianças e adolescentes. Educar não é só punir, é importante pensar nas atitudes, rever conceitos e preconceitos aos que estão à borda da sociedade. Os pais com medo de serem severos em demasia, optam em alguns casos por liberar-se de educar, deixando esses cuidados a outros. O comportamento das crianças e dos adolescentes são frutos das relações sociais, das qualidades de vida, dos valores sociais atuais em nossa cultura, portanto, temos o dever nos responsabilizar a todos, pais, professores, profissionais de diversas áreas e adultos em geral, pelo desenvolvimento e constituição social das crianças e dos adolescentes. Aprender limites, direitos e deveres é básico para a formação do caráter dos jovens. Às vezes a punição é necessária, mas que tipo de punição é construtivo? Existem pais que só tocam nos filhos se for para bater. Eles podem aprender que esta é a forma de receber afeto. É importante conversar, criar uma oportunidade de diálogo não agressivo, que não desqualifique a criança/adolescente, mas que os faça refletir sobre seus comportamentos. Educar exige esforço, paciência, tolerância, etc. Os pais, além de terem uma importante participação no senso de compreensão e reciprocidade dos filhos, devem se mostrar sensíveis às necessidades

de seus filhos, fazendo com que a criança se sinta amada e protegida. Filhos precisam de limites, de pertencimento. Limitar é amar.

3.2 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE/CARÁTER

Moreno, com sua visão de ser humano, postula que a criança é um gênio em potencial, que nasce despreparado para o mundo externo e, por isso, necessita de ajuda, pois sai de um mundo mais inerte para um mundo de iniciativas, que solicita logo de início o primeiro ato de espontaneidade criadora. O parto, desta forma em si, não pode ser um ato traumático, como dizem que já não atende mais as necessidades desse ser que está nascendo. Para ele, identidade e personalidade são distintas, mas a identidade é que vai ser foco de sua atenção maior. Mesmo assim, ele explica: “a personalidade pode ser definida como uma função de genes, espontaneidade, tele e meio” (MORENO, 1975, p.102).

Como disse Sócrates: *“Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo de Deus”*.

Identidade

Às vezes nem **eu** mesmo sei quem **sou**.
 Às vezes sou "o **meu** queridinho"
 Às vezes sou "moleque malcriado".
 Para **mim** tem vezes que eu sou rei.

Herói voador,
 Caubói lutador,
 Jogador campeão,
 Às vezes sou pulga,
 Sou mosca também,
 Que **voa** e se esconde
 De medo e vergonha.

Às vezes eu sou Hércules,
 Sansão vencedor,
 Peito de aço, goleador!
 Mas o **que** importa
 O que pensam de mim?
 Eu sou quem sou,
 Eu sou eu,
 Sou assim,
 Sou **menino**.



BANDEIRA, Pedro. Cavalgando o arco-íris.
 10. ed. São Paulo: Moderna, 1984.

Para entendermos o processo de produção do sujeito, que lhe permite apresentar-se ao mundo e reconhecer-se como alguém singular, a psicologia construiu o conceito de identidade/caráter. Concordo com Brandão e Bock (1986) quando dizem que:

[...] a identidade explica o sentimento pessoal e a consciência da posse de ser eu, de uma realidade individual que torna cada um de nós um sujeito singular único diante dos outros eus; e é, ao mesmo tempo, o reconhecimento individual dessa exclusividade: a consciência da minha continuidade em mim mesmo (BRANDÃO; BOCK,1986, p. 203).

A singularidade faz a diversidade. Como se construiria a identidade/caráter se tivesse um único modelo? Na família, os adolescentes buscam algumas identificações com pais, irmãos, tios, tias, etc. Após esse entorno familiar, buscam as identificações nos grupos sociais. Como diz o poema acima do Bandeira (1984), por vezes o adolescente se sente herói, jogador, vencedor, pequeno, grande, menino, moleque... várias possibilidades e, por outras, nem sabe mais quem é. Aos poucos, isso tudo vai tomando forma vai descobrindo que seu EU tem um pouco de seus pais, um pouco daquele amigo que admira, um pouco daquele professor, e assim se tornando exclusivo e único.

A criança, ao entrar na adolescência, passa a conviver com um novo corpo, que protesta por uma nova identidade e que sinaliza a sua passagem do campo familiar ao campo social. Mudanças estas que geram um intenso sofrimento, pois acarretam perdas referentes à imagem infantil, aos pais idealizados da infância e à identidade infantil. Essas perdas, por sua vez, representam um rompimento com o passado a fim de que seja possível ao adolescente investir no futuro, desligando-se dos pais e tornando-se apto a realizar suas escolhas. Essas transformações decorrentes da adolescência fazem o sujeito perder as suas referências, não tendo mais uma representação de si mesmo, uma vez que sua nova imagem ainda se encontra em construção (LEVISKY, 2002, OUTEIRAL, 2008).

Não concordo com os autores acima quando dizem que as mudanças físicas e psíquicas geram intenso sofrimento. Penso que em alguns casos isto pode ocorrer, não sendo uma regra. Toda a perda referente à infância e idealização dos pais tem novo sentido, de novas descobertas, e de novos referenciais para construção da nova identidade. A questão principal é: onde estão buscando estas novas descobertas e também que novas referências estão buscando? O adolescente que busca suas relações sociais tendo como base principal a virtual, internet, Facebook, Twitter e outros, terá a mesma representação de si mesmo e do outro? Sobre a influência da internet hoje na vida dos adolescentes é uma questão que necessita uma pesquisa mais ampla urgente.

Ao fazer esta reflexão, encontro a visão de Ciampa (2008), que diz que a transformação identitária acontece no convívio social. E que estamos sempre encarnando diversos personagens e, ao adequar de um ou alguns deles, geramos uma emancipação para novas formas de nos compreender.

Oliveira (2006) cita como sendo ainda uma etapa que conduz o indivíduo a uma redefinição da própria identidade, ao avaliar sua inserção no plano espaço-temporal, integrando o passado, com suas identificações e conflitos, ao futuro, com suas perspectivas e antecipações.

[...] o sujeito ao dar-se conta de que é um ser temporal, descobre o valor da “espera”, de que algo ira satisfazê-lo de acordo com suas necessidades. Mas, o homem é, além de inacabado, “um ser que *tem fome*, que sente todos os dias, que têm vazios e que nunca poderá comer bastante para estar definitivamente satisfeito (FURTER, 1987, p. 96).

Baseada nesta citação acima, penso que existe a esperança como campo de possibilidades abertas à ação, sempre, pois estamos nos construindo durante a vida inteira, somente tendo um final com a nossa morte. Compreendo “fome” aqui como diz Moreno: “fome de atos” porque deseja conhecer, aprender, sonhar, produzir...

O primeiro grupo social que acolhe, respeita, reconhece e identifica o sujeito é a família. É ela que deveria proporcionar condições básicas e indispensáveis para que, mais tarde, o sujeito inicie uma busca do encontro de si mesmo; entretanto, nem todas as famílias são saudáveis. Existem famílias que são fontes de adoecimento dos filhos. A adolescência é, nesse sentido, uma fase marcada pelo abandono da atitude infantil e o ingresso no mundo adulto, mas para isso é necessário um afastamento, preparação emocional do adolescente e da família, buscando ampliar seu mundo de convivência, permitir-se vivenciar novas experiências, contatos com outros valores e pessoas.

Este afastamento pode provocar conflitos durante o processo de construção de identidade do adolescente, porém, os pais podem ter dificuldades em se adaptar às mudanças que estão ocorrendo com seus filhos, e tentar “mantê-los” como crianças, o que poderá ser difícil para todos. Se os pais conseguirem estabelecer uma boa relação entre si e com os filhos, este processo poderá ser tranquilo. No meu trabalho clínico, vejo a importância da orientação dos pais para que se sintam mais preparados, procurando não se boicotar, evitando assim a repetição de erros, etc.

Refletindo sobre a construção de identidade, penso que, neste momento, vem a emergir todo o processo constituído até então, sendo que a construção subjetiva do sujeito

começa na sua concepção, através de sua matriz de identidade, conceito moreniano para explicar o complexo mundo infantil e suas relações com outro. A partir da premissa de que somos um ser social e passamos por fases de completa dependência e assim por outros processos, conforme já citei na sua teoria, é na adolescência que os jovens têm mais necessidades de pertencer aos grupos sociais.

Para concluir, Souza (2004), no artigo “Juventude e contemporaneidade: possibilidades e limites” salienta:

[...] é importante perceber como os jovens ocupam os espaços da cidade, agrupam-se e redefinem constantemente sua identidade. Nesse sentido, a música, a poesia, o teatro, a dança centralizam os interesses dos jovens como formas grupais que vão além do fazer parte de um grupo por interesses comuns. É, sim, condição para reconhecer o sentido daquilo que fazem. No grupo, afirmam o que são a partir do reconhecimento do outro.

3.3 ADOLESCÊNCIA E “ERA” VIRTUAL

O adolescente precisa refazer sua imagem corporal, construir sua identidade sexual e encontrar seu lugar no mundo social, fazendo um trânsito do mundo familiar para o universo social mais amplo. Para realizar esse processo psíquico, o adolescente se apoia nos valores e significados sociais e faz uso dos dispositivos que nossa cultura oferece. Portanto, cada sociedade oferece diferentes estímulos e valores aos jovens.

Na contemporaneidade da formação de identidade/caráter do adolescente, não é possível ignorar a presença da internet, que vem modificando o cenário constitutivo. A internet vem sendo usada com muita velocidade. Os jovens fazem uma “viagem” a cada segundo, a inserção social é quase que imediata. Mas com a mesma rapidez que se insere também não faz mais parte. Qual é a dimensão destas conquistas virtuais? Que cenário está se construindo? Ouço os adolescentes dizerem: “eu tenho 1.000 amigos no Facebook”. Chegam a competir para ver quem tem mais. As comunidades são inúmeras, positivas e negativas. Quem posta mais fotos do que está fazendo no momento, onde se encontram, o que comem, o que compram. Quais são as identificações promotoras de saúde da “era virtual”? Os pais estão atentos aos conteúdos acessados?

Souza (2004) pontua que as “viagens virtuais” e os encontros eletrônicos são possibilidades culturais que abrem o território, tempo e espaço, e passa a representar o mundo inteiro. A sociedade da informação redefine os conceitos de tempo e espaço. Perto e longe passam a ser dimensões simbólicas. As imagens são o meio de transporte para espaços que

diferem da experiência física. Com rapidez, alcançam-se diferentes partes do globo terrestre. Surge uma geografia da mente. Giddens analisa a separação de tempo e espaço na modernidade, segundo ele, gerou o desenvolvimento de uma dimensão vazia de tempo e separou o espaço do lugar.

O mapa global, sem privilégio de lugar, é o símbolo correlato do relógio no *esvaziamento* do espaço. Não é apenas um modo de retratar o que sempre esteve lá, a geografia da terra, mas também constitutivo de transformações básicas nas relações sociais. Ele chama de desencaixe esse *deslocamento* das relações sociais dos contextos locais e sua rearticulação pelas partes indeterminadas do espaço-tempo (GIDDENS, 2002, p. 23).

Refletindo sobre a citação de Giddens, percebo que a noção de tempo e espaço físico ficaram muito tênues. Pode-se navegar pelas ruas de qualquer lugar do mundo, tendo-se a sensação de que “já estive aqui”. Os jovens falam, por exemplo, “*tenho um amigo em Portugal, ele me mostrou sua casa, joga com ele todos os dias*”. Soa estranho, pois parece que o conhece, e na verdade “conhece” mais que um amigo real, pois, quando pergunto dos amigos reais, sabem pouco. O tempo virtual é maior? Para o amigo real sobra pouco tempo?

Melucci (1992) confirma que vivemos numa sociedade da “informação”, a principal linguagem é a imagem, que provocou arroubos no tempo, sendo possível fazer várias coisas em fração de segundos. Atravessa-se por mares desconhecidos sem se sair do espaço onde se encontra. É um tempo marcado pela diversidade: diluído, acelerado, fragmentado e instantâneo. Compassos que demandam uma adequação e flexibilidade às vezes oposta ao tempo interno.

Então, se o tempo tem velocidades diferentes, o que acontece com o jovem? O jovem da atualidade possui um olhar diferente correspondente com a cultura virtual. Desta forma, concordo que o fácil manuseio do “aparato tecnológico” propõe uma concepção de espaço e de tempo diferente das gerações anteriores. O jovem passou, então, a assumir uma postura íntima com o virtual, “parecendo” que trata de relações humanas reais. Num momento tão importante da vida, as relações sociais reais ficam aquém, tornando-os com expressivas carências afetivas. Percebo ainda um potencial pouco desenvolvido no trato com as habilidades interpessoais. E com isso, podem estar dando pouco valor às relações familiares. Vejo a necessidade de se equilibrar esta relação do universo virtual com o real. O ritmo de vida mudou, mas não necessariamente precisamos mudar os valores das relações humanas.

[...] Os adolescentes das gerações passadas, fecharam-se no quarto, era castigo dos pais simples aplicado pelos pais quando seus filhos não faziam o que deviam. Os

adolescentes de hoje, fecham-se no quarto, fechar-se no quarto hoje é estar longe da família, mas conectado ao mundo via Internet, telefone, televisão (TIBA, 2005, p. 84).

Para os pais, muitos acreditam que seus filhos estão seguros, por passarem várias horas em frente à máquina, curtindo jogos ou navegando na internet, porém os adultos desconhecem muitas vezes os perigos que a virtualidade pode proporcionar no desenvolvimento dos adolescentes. Penso que os pais precisam se perguntar mais: por que meu filho está fechado no quarto? Por onde anda meu filho? Ele está ausente sem sair de casa?

Existe a segurança física de estar dentro do quarto em casa, mas a insegurança virtual ronda nossas vidas. Portanto, penso que é necessário que a família participe dessa “realidade virtual”, procurando saber quais os *sites* preferidos pelos filhos e, caso os assuntos não sejam saudáveis, é importante o diálogo entre os pais e os filhos, para que eles compreendam que, assim como nas ruas, a internet oferece inúmeros perigos aparentemente inofensivos.

Segundo Bauman (1999), a extinção tecnológica das distâncias temporais e espaciais, em vez de homogeneizar a condição humana, tende a polarizá-la. Enquanto para alguns ela inaugura uma liberdade sem precedentes em face da criação de significados, para outros ela anuncia a falta de significado. Enquanto alguns podem mover-se para fora da localidade quando quiserem, outros observam impotentes a única localidade que vive situando-se sob seus pés.

Se a fase da adolescência é marcada por uma necessidade de reconstruir a imagem de si, ao perguntar ao outro sobre a própria imagem, o adolescente tenta ver-se a partir da forma como é visto, buscando a aprovação do outro. No entanto, nesses jogos que faz com a própria imagem, ele se posiciona como objeto para ser "usado" ou "descartado" pelo outro. Os corpos são exibidos ao lado dos objetos e confundem-se com eles. Hoje tudo pode virar mercadoria, e os criadores das comunidades sabem disso. Se as pessoas sentem-se cada vez mais sós, há aí uma chance de o mercado lucrar com a necessidade humana de agrupamento.

[...] onde há necessidade, há chance de lucro, e os especialistas em marketing levam sua engenhosidade ao limite para indicar maneiras de adquirir em lojas a solidariedade, o sorriso amigo, o convívio ou a ajuda no momento de necessidade (BAUMAN, 2004, p. 91).

Conforme Bauman relata acima, em sua fala denota uma preocupação em relação aos perigos da era virtual. Concordo com o autor, pois são inúmeras as possibilidades de

identificação para os jovens no ambiente virtual. Perante a multiplicidade de opções, as escolhas estão mais difíceis para os jovens a cada dia. Assim, um mesmo adolescente pode participar de inúmeras comunidades. Se ele busca definir-se a partir dessas ofertas de identificação, questiono: como ele constrói sua identidade/caráter diante dessa multidão identificatória e como são estabelecidos os laços sociais hoje?

Lima (2009) conjectura o declínio da autoridade, porque permite que qualquer um se autorize pelo conhecimento que proporciona. São milhares de informações na rede, que se multiplicam a cada instante. Os adolescentes hoje não buscam um mestre, mas um supostamente semelhante. Buscam, assim, uma identificação horizontal com o grupo de semelhantes no espaço virtual. Todos querem escrever sobre si, escrever as próprias ideias na rede.

Penso que, desta forma, existe uma exposição desmedida, sem um real conhecimento de causa, favorecendo a interpretação errônea de qualquer sujeito que se identifica com certas informações.

Bauman ressalta que, na cultura contemporânea,

[...] as relações virtuais parecem feitas sob medida para o líquido cenário da vida moderna, em que as possibilidades de laços surgem e desaparecem numa velocidade crescente e em volume cada vez maior, aniquilando-se mutuamente, já que é fácil entrar e sair dos relacionamentos virtuais. Eles parecem inteligentes e limpos, fáceis de usar, compreender e manusear: Sempre se pode apertar a tecla de deletar (BAUMAN, 2004, p. 13).

Como diz Bauman, as relações parecem líquidas, simples assim, deleta-se, já não existe mais na rede, o grupo passa a ser irrelevante, tudo parece ser sem vínculo, ou de vínculo tênue e sem afeto. As pessoas passam a serem substituídas pelas parcerias das redes, sentindo uma necessidade muito grande de estar em movimento, postando o que comeu hoje, onde esteve, o que comprou, objetos que possui etc. “[...] a introspecção é substituída por uma interação frenética e frívola que revela nossos segredos mais profundos juntamente com nossas listas de compras (BAUMAN, 2004, p. 52).

Ainda, segundo Bauman (2004), é mais importante ter milhões de amigos na *internet* do que a qualidade dessas relações: "Quando a qualidade o decepciona você procura a salvação na quantidade. Quando a duração não está disponível, é a rapidez da mudança que pode redimi-lo" (BAUMAN, 2004, p. 77).

O processo de identificação é complexo, exigindo constantes escolhas, reduzindo as possibilidades e, conseqüentemente, aumentando a incerteza. A liberdade de escolha e as

possibilidades mostram que o tempo é insuficiente demais para tantas opções, e as qualidades materiais muitas vezes não estão de acordo com as ofertas do mercado. Tudo isso estabelece um campo de frustrações. Então, a identidade é um processo de transformação constante e o desafio é viver tecendo a trama da continuidade. Se a certeza escapa, a necessidade de se tornar reflexivo e aprendente tornam o presente um momento de máximo encanto, em que a identidade se faz aqui e agora e na experiência (MELLUCI, 1992).

Sendo assim, concluo que não se constrói identidade/caráter sozinho, independente do “*olhar*” do outro. Portanto, a identidade é, antes de tudo, uma aprendizagem diária que congrega sequência e mudança, estabelecendo entre ambas um processo relacional que distingue e une os indivíduos. Aprender na relação com o outro e viver em grupo é o grande desafio posto a todos.

3.4 ADOLESCÊNCIA E O PSICODRAMA

A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano. É um período marcado por um processo de transição corporal, hormonal e comportamental, é nesta fase que ocorre a estruturação da personalidade, isto é, a construção da identidade/caráter do indivíduo (CUNHA, 2010). Considerando os desafios deste processo de transição, o Psicodrama tende a oferecer uma melhor compreensão e resolução dos conflitos decorrentes desta fase adolescente. Neste sentido, o Psicodrama tem um formato diferente, com muitos recursos técnicos e metodológicos para utilizarmos e que, de uma maneira geral, é muito bem recebido pelos jovens.

E continuo a contextualizar também com o entendimento de Tiba e Bustos, que também vão compreender o adolescente como alguém que deseja colocar em prática sua espontaneidade, que por vezes poderá estar embotada. Neste sentido, o Psicodrama moreniano propõe através da ação a descoberta das suas verdades e de si mesmo.

Sendo que o adolescente é um ser humano que está em fase de crescimento e evolução, a fim de atingir uma maturidade biopsicossocial, é neste período que sente a necessidade de colocar em prática a criatividade, e para alcançar o ato criador é preciso ser espontâneo, e para que haja a espontaneidade é necessário tomar conhecimento de si mesmo (TIBA, 1986).

Para Bustos (2005), o Psicodrama com adolescentes incide em entender com profundidade a psicodinâmica da adolescência. Nessa fase, ocorre a construção da identidade/caráter com bases nos modelos que o fazem enquanto Ser, conseqüentemente, o

mundo que se constrói dentro da matriz de identidade caracteriza-se como a imagem e semelhança de nossas necessidades.

Concluindo este capítulo, quero dizer que as bases familiares e sociais são de extrema importância para o fortalecimento e construção no processo do adolescente. Para termos sujeitos saudáveis é preciso um olhar atento, um olhar de construção e não de apenas uma imersão social. Imersão esta que dá direito a escolher qualquer coisa, sem conhecimento de valores, de regras e de limites. Se nada tenho, qualquer coisa serve? Não, é preciso ter conhecimento de si para poder fazer escolhas mais assertivas. São os modelos e semelhanças que serão reproduzidos. Que modelos têm os jovens hoje? Neste sentido, o Psicodrama busca o desenvolvimento das potencialidades e o olhar construtivo dos indivíduos, possibilitando ver o mundo interno de cada sujeito na sua individualidade.

REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esta monografia quero elencar as dificuldades dos diferentes teóricos em estabelecer um critério para designar a fase da adolescência. Na atualidade, temos muitas transformações importantes no contexto econômico, social e cultural. A tecnologia avançada, a pressa em descobrir e descobrir, ter e consumir. As mudanças das estruturas familiares, o trabalho que consome muito tempo das famílias, por conseguinte os adolescentes ficam em muitos casos “ociosos” nas “viagens virtuais”. Passam muito tempo em ambientes fechados, mas conectados com o mundo, o tempo e o espaço já não é mais da forma anterior. Sendo que a família permanece como lugar de desenvolvimento das identidades individuais, no entanto, parte da nossa relação afetiva muitas vezes pode não ser o lugar mais seguro para o crescimento.

Esta pesquisa responde em parte aos meus questionamentos, os conflitos podem acontecer devido a esta fase do desenvolvimento que é intensa e profunda, que permeia uma série de características físicas e emocionais onde os adolescentes têm que lidar com muitas mudanças.

O que caracteriza e especifica a contemporaneidade é a “era virtual”, que neste momento vem sendo um facilitador e ao mesmo tempo traz angústia e solidão. Os jovens passam a se comunicar mais com a máquina do que com as relações reais. Nunca se percebeu tanta falta de sentido e de carência excessiva. Para Moreno, o ser humano é um gênio em potencial, e carrega dentro de si o seu DEUS criador. Que comunicação o jovem tem feito com o seu DEUS interior, quando as relações são superficiais e vínculos frágeis? Para Moreno, o sujeito é um ser em relação, tem sua centelha divina, e precisa do outro real, para desenvolver a espontaneidade e a criatividade.

O Psicodrama, seja ele grupal ou individual, com suas várias metodologias, vem ao encontro das possibilidades interventivas na construção de identidade do adolescente, propiciando através da ação a transformação das suas verdades intrínsecas, promovendo saúde. A adolescência, mesmo diante das suas mudanças físicas e psíquicas, deveria ser também uma fase de encantamento e de descobertas.

Quanto à minha formação de psicodramatista, fazer esta pesquisa e escrever esta monografia significou dar sentido a todo o aporte teórico e técnico até então aprendido. Meu entendimento antes fragmentado sobre o Psicodrama deu novo sentido, tenho a sensação de ter havido uma junção dos conteúdos. Fazer estas reflexões do meu trabalho clínico teve uma dimensão incrível, que é poder observar os resultados obtidos através do uso da metodologia

moreniana na minha prática e aprofundar-me um pouco mais no entendimento sobre a adolescência. Tenho muito ainda a pesquisar, mas em parte me sinto contemplada.

O meu papel enquanto psicóloga, profissional da saúde, é buscar me aprofundar nas questões que perpassa minha prática. Meu desejo com este trabalho foi justamente fazer estes *links* com a teoria de Jacob Levy Moreno, sujeito utópico e corajoso, que ousou dizer que era DEUS, quando na sua brincadeira de criança.

Precisamos entender o impacto da adolescência na dinâmica familiar, apoiar os pais para que eles se sintam menos perdidos e menos sozinhos em suas vivências, além de aliviar a sensação de rejeição ou culpa da família, ajudar na compreensão dos conflitos na família e no adolescente, estimular a comunicação entre a família e o jovem, valorizar o importante papel das famílias nessa etapa da vida e pensar em políticas de saúde que visem um espaço de lazer, conhecimento, onde os jovens possam circular.

Trabalhar com adolescente requer certa flexibilidade por parte do terapeuta por oferecer uma dificuldade típica por sua psicodinâmica. No entanto, é um trabalho maravilhoso e recompensador. São jovens com muita energia, têm suas características próprias, gírias, penteados diferentes, roupas, enfim, às vezes querem revolucionar o mundo, por outras querem se manter fechados e isolados do mundo. Outras vezes são silenciosos, indiferentes, ao ponto de nos deixar sem ação, sua resposta mais corriqueira é “não sei”.

Quando o vínculo se estabelece, eles vão desabrochando, se aprofundando em seus segredos mais difíceis, seus medos e suas dores vêm à tona. E neste processo psicoterápico que corrobora a aplicabilidade do método psicodramático, que tem um excelente método e técnica para a terapêutica dos sofrimentos psíquicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Pedro. **Cavalgando o arco-íris**. 10. cd. São Paulo: Moderna, 1984

BAUMAN, Zigmunn. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. **Amor líquido: sobre as fragilidades dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13 ed. reform. e ampl. São Paulo: Saraiva 2002.

_____. **A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores**. *Psicol. Esc. Educ. (Impr.)* [online]. 2007, vol.11, n.1, pp. 63-76. ISSN 1413-8557. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572007000100007>.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de Julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Ministério da Justiça, 1990.

BRASIL/INAN/PNSN. **Pesquisa Nacional sobre a Saúde e Nutrição**. Perfil de Crescimento da População Brasileira de 0 a 25 anos. Brasília: INAN/MS. 1992.

BUSTOS, Dalmiro Manuel. **Psicoterapia Psicodramática**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

_____. **O Psicodrama: aplicações da técnica psicodramática**. São Paulo: Summus, 1982.

_____. **Psicoterapia da relação: elementos de psicodrama contemporâneo**. São Paulo: Ágora, 2000.

_____. **O psicodrama: aplicações da técnica psicodramática**. São Paulo: Ágora, 2005.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Introdução e Tradução de Newton Aquiles Von Zuben. 2. ed. São Paulo: Moraes, 1977

CHAGAS, Adriana; CHAGAS, Luzia. **23 anos do ECA**. Disponível em: <<http://avozdoparaicone.blogspot.com.br/2013/07/23-anos-de-eca.html>>. Acesso em: 07 nov. 2014.

CUNHA, Adelsa M. Alvarez Lima da; BERTUSSI, Mariana. **Adolescência, juventude: a experiência clínica**. *Rev. bras. psicodrama*, São Paulo, v. 18, n. 2, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932010000200010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 14 dez. 2014.

CIAMPA, Antônio da Costa. **Identidade:** Um Paradigma para a Psicologia Social? Apresentação em simpósio no 10º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO (8 a 12/10/1999). (Texto provisório para divulgação interna).

CUKIER, Rosa. **Psicodrama Bipessoal:** sua técnica, seu terapeuta e seu paciente. São Paulo: Ágora, 1992.

DOLTO, Françoise. **Solidão**, Tradução: Ivone Castilho Benedetti, Edit. Martins Fontes, São Paulo, SP, 1998.

EISENSTEIN, Evelyn. **Atraso puberal e desnutrição crônica**. 1999. Tese de Doutorado - Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

_____. **Adolescência:** definições, conceitos e critérios. *Adolescência e Saúde*. 2005; 2 (2):6-7

ERIKSON, Erick. **Identidade:** juventude e crise. Rio de Janeiro: Zahar. 1976

FONSECA FILHO, José de Souza. **Psicodrama da Loucura:** correlações entre Buber e Moreno. São Paulo: Ágora, 1980.

_____. **Psicoterapia da relação:** elementos de Psicodrama contemporâneo. São Paulo: Ágora, 2000.

FURTER, Pierre. **Educação e vida**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo, Ed. UNESP.2002.

GONÇALVES, Camila S., WOLFF, José R., ALMEIDA, Wilson C. **Lições de Psicodrama:** introdução ao pensamento de J. L. Moreno. São Paulo: Ágora, 1988.

LEVISKY, David Léo. **Adolescência:** pelos caminhos da violência. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

LIMA, Nadia Laguardia. **A escrita virtual na adolescência:** os blogs como um tratamento do real da puberdade, analisados a partir da função do romance. Tese de doutorado não-publicada, Programa de Pós-graduação em Educação (Linha de pesquisa: Psicologia, Psicanálise e Educação), Universidade Federal de Minas Gerais, 349pp. 2009.

MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu:** a mudança de si mesmo na sociedade globalizada. Editora Feltrinelli.1992.

MENEGAZZO, Carlos M.; ZURETTI, Maria M.; TOMASINI, Miguel A. **Dicionário de Psicodrama e Sociodrama**. São Paulo: Ágora, 1995.

MINUCHIN, Salvador. **Famílias:** funcionamento & tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982. Original inglês, 1974

MORENO, Jacob Levy. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1975 (1ª edição 1946)

_____. **Psicoterapia de grupo e Psicodrama**. São Paulo: Mestre Jou.1974

MOTTA, Júlia (org.). **O jogo no Psicodrama**. São Paulo: Ágora, 1995.

OLIVEIRA, Maria Claudia Santos Lopes de. **Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência**: uma revisão crítica. *Psicol. estud.*, Maringá , v. 11, n. 2, Aug. 2006 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722006000200022&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21 out. 2014.

OUTEIRAL, José. **Adolescer**: estudos sobre adolescência. Rio de Janeiro: Reviver, 2008.

PERAZZO, Sergio. **Revisão crítica dos conceitos de tele e transferência**. São Paulo, Temas. *Psicodrama e sociodrama*. São Paulo: Ágora, 1995.

PEREIRA, M.A.B., ROMÃO, M.S., VITALLE, M.S.S. **A primeira relação sexual de adolescentes homens**. *Adolesc Saúde*. 2014;11(2):72-79

PIAGET, Jean. **O juízo moral da criança**. São Paulo: Summus.1994

_____. **Abstração reflexionante**: relações lógico-matemáticas e ordem das relações espaciais. Porto Alegre: Artes Médicas. 1995

ROJAS-BERMÚDEZ, J.G. **Introdução ao Psicodrama**. São Paulo: Mestre Jou, 1966.

TIBA, Içami. **Puberdade e adolescência**: desenvolvimento biopsicossocial. São Paulo, 1986.

_____. **Disciplina, Limite na medida certa**. 41ª ed. São Paulo: Gente, 1996. 240p.

_____. **Adolescentes**: quem ama, educa! São Paulo: Integrare, 2005. 301p

VARGAS GIL SOUZA, Carmem Zeli. **Juventude e contemporaneidade**: possibilidades e limites. Última década, Santiago , v. 12, n. 20, jun. 2004 . Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22362004000100003&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 21 out. 2014.

YOZO, Ronaldo. K. **100 Jogos para Grupos**: Uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas. São Paulo: Ágora. 1996.

http://www.unicef.org/brazil/pt/br_sabrep11.pdf